

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

JORDANA MOLINETTI SILVESTRIN

**PROGRESSÃO TÓPICA E REFERENCIAL EM INTERAÇÕES NO CONTEXTO DA
ATROFIA CORTICAL POSTERIOR**

São Leopoldo

2019

JORDANA MOLINETTI SILVESTRIN

**PROGRESSÃO TÓPICA E REFERENCIAL EM INTERAÇÕES NO CONTEXTO DA
ATROFIA CORTICAL POSTERIOR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Caio Mira

São Leopoldo

2019

S587p

Silvestrin, Jordana Molinetti.

Progressão tópica e referencial em interações no contexto da atrofia cortical posterior / Jordana Molinetti Silvestrin. – 2020.
79 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, 2020.

“Orientador: Prof. Dr. Caio Mira.”

1. Alzheimer, Doença de.
 2. Referenciação.
 3. Análise da conservação.
 4. Tópico discursivo.
 5. Linguística textual.
- I. Título.

CDU 81

JORDANA MOLINETTI SILVESTRIN

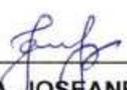
**"PROGRESSÃO TÓPICA E REFERENCIAL EM INTERAÇÕES NO CONTEXTO
DA ATROFIA CORTICAL POSTERIOR"**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADA EM 23 DE JANEIRO DE 2020.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. ELIANA DA SILVA TAVARES - FURG
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. JOSEANE DE SOUZA - UNISINOS



**ORIENTADOR
PROF. DR. CAIO CÉSAR COSTA RIBEIRO MIRA - UNISINOS**

Dedico este trabalho aos meus precidos avós, Isayra Biasus Molinetti e Secondo Cecatto Molinetti, dos quais eu cuidei mediante as suas dificuldades ocasionadas pela Doença de Alzheimer.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu querido orientador, Prof. Dr. Caio Mira, ser humano maravilhoso e paciente com os meus dilemas, por ter conduzido este trabalho com excelência e dedicação. Ele acolheu-me ainda antes do meu ingresso à pós-graduação, dividindo comigo seu enorme conhecimento no tocante à linguagem, de forma que me tornei uma apaixonada estudante da Análise da Conversação e da Linguística Textual. Nunca esquecerei da paciência, generosidade e atenção dispendidas a mim nos momentos em que mais precisei durante os últimos dois anos e, por isso, penso que não há palavras suficientes para agradecê-lo.

À Joana, colaboradora desta pesquisa, sem a qual nada seria possível, por concordar em participar dos estudos do nosso grupo de pesquisa, relativos ao cenário de comprometimento da linguagem. Graças aos seus dados, há a possibilidade de ampliarmos e difundirmos pesquisas nesse contexto de interação.

Aos meus pais, Odete Molinetti Silvestrin e Wilmar Silvestrin, por não medirem esforços para custear os meus estudos; muitas vezes, abdicando de suas vontades para satisfazerem as minhas. Vocês sempre serão a razão de tudo.

Ao meu companheiro de vida, Rene Farinon Neto, quem me apoiou nos momentos mais difíceis vividos neste período, por cuidar de mim e compreender a minha ausência. Obrigada por nunca me deixar desistir.

Às minhas amigas, que sempre estão ao meu lado em momentos de alegrias e de dissabores.

Aos colegas da Unisinos, os quais sempre me apoiaram e torceram por mim.

Aos integrantes do grupo de pesquisa, com os quais partilhei dúvidas e discuti sobre os dados desta pesquisa.

À banca examinadora desta dissertação, composta pela Prof.^a Dra. Eliana da Silva Tavares e pela Prof.^a Dra. Joseane Souza, cujas pertinentes observações contribuíram para o andamento deste estudo. Agradeço imensamente pela disposição em ler meu trabalho e por compartilharem comigo seus conhecimentos.

E, por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialmente à profa. Dra. Cátia Fronza, por empenharem-se em formar profissionais qualificados.

“[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*”.
(BENVENISTE, 1989, p. 222, grifo do autor).

RESUMO

A Atrofia Cortical Posterior (ACP) é uma doença progressiva e neurodegenerativa rara, considerada um subtipo da Doença de Alzheimer (DA). O primeiro sintoma a ser manifestado pela ACP é o comprometimento das funções visuais; no entanto, essa patologia também compromete o uso da linguagem. Frente a esse quadro patológico, a presente pesquisa objetiva, de modo geral, verificar como ocorre a progressão referencial e a progressão tópica em interações orais de uma pessoa acometida pela ACP. Para isso, mobilizar-se-ão duas categorias analíticas, o *tópico discursivo*, proveniente da Análise da Conversação, e a *referenciação*, problema filosófico e semântico procedente do campo da Linguística Textual, que, no escopo desta investigação, será estudada à luz das considerações teóricas da Linguística Textual, principalmente, por meio dos teóricos Jubran (1992, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d), Koch (1990, 1997, 2002, 2008a, 2008b, 2015) e Marcuschi (1998, 2001, 2006, 2008), de modo a observar as estratégias de construção de sentido e de engajamento interativo no contexto da ACP. O *corpus* linguístico deste estudo é constituído por entrevistas abertas, gravadas com uma participante portadora de ACP, e o tempo total das gravações que englobam os dados é de cerca de 48 horas. Os dados são decorrentes do desdobramento do projeto de pesquisa intitulado *O tópico discursivo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer*, coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A escolha dos excertos a serem analisados deu-se em função da ocorrência significativa de estratégias utilizadas pela participante, mediante a sua dificuldade de linguagem, na intenção de construir o referente pretendido em colaboração com seu interlocutor, e na ocorrência relevante de estratégias que sinalizam o gerenciamento dos tópicos discursivos. Os resultados da pesquisa revelam que há a recorrência de processos de sequenciação, expansão, mudança e retomada de tópicos discursivos, estrategicamente motivados pela participante com ACP, com vistas a incorporar sentido ao texto oral. Outrossim, revelou-se que os processos de referenciação constituídos pela participante designam uma construção sociocognitivo-discursiva de objetos discursivos estabelecidos mediante processos de negociação. E, por fim, por intermédio da análise do *corpus*, apontou-se a relação entre os objetos de discurso e o tópico discursivo.

Palavras-chave: Tópico discursivo. Referenciação. Atrofia Cortical Posterior. Análise da Conversação. Linguística Textual.

ABSTRACT

Posterior Cortical Atrophy (PCA) is a rare progressive and neurodegenerative disease considered a subtype of Alzheimer's Disease (AD). The first symptom to be manifested by PCA is the impairment of visual functions; however, that pathology also compromises the use of language. Facing this pathological condition, the present research aims, in general, to verify how referential progression and topical progression in oral interactions of a person affected by PCA occurs. To do so, two analytical categories will be mobilized, the *discursive topic*, originating from the Conversation Analysis, and the *referencing*, coming from the field of Textual Linguistics, in the lights of, mainly, the theorists Jubran (1992, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d), Koch (1990, 1997, 2002, 2008a, 2008b, 2015) and Marcuschi (1998, 2001, 2006, 2008), in order to observe the meaning-making strategies and the interactive engagement in the CPA context. The linguistic *corpus* of this study consists of open interviews, recorded with a participant with PCA, and the total time of the recordings that comprise the data is about 48 hours. The data are derived from the development of the research project entitled *The discursive topic in the analysis of interactions of a Support Group for family caregivers of individuals with Alzheimer's Disease*, coordinated by Professor Dr. Caio Mira, from the Postgraduate Program in Applied Linguistics (PPGLA), from Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). The choice of excerpts to be analyzed was based on the significant occurrence of strategies used by the participant, due to their language difficulty, the intention to construct the intended referent in collaboration with their interlocutor, and the relevant occurrence of strategies that signal the management of discursive topics. The research results reveal that there is a recurrence of processes of sequencing, expansion, change and resumption of discursive topics, strategically motivated by the participant with PCA, in order to incorporate meaning into the oral text. Furthermore, it was revealed that the referencing processes constituted by the participant designate a sociocognitive-discursive construction of discursive objects established by means of negotiation processes. And, finally, through the *corpus* analysis, the relationship between the discourse objects and the discursive topic was pointed out.

Key-words: Discursive Topic. Referencing. Posterior Cortical Atrophy. Conversation Analysis. Textual Linguistics.

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise da Conversação
ACE	Análise da Conversa Etnometodológica
ACP	Atrofia Cortical Posterior
ALF	Afasia Logopênica Fonológica
APPL	Afasia Progressiva Primária
AVC	Acidente Vascular Cerebral
DA	Doença de Alzheimer
DCL	Demência com Corpos de Lewy
DFT	Demência Frontotemporal
DV	Demência Vascular
LA	Linguística Aplicada
LT	Linguística Textual
NURC	Norma Urbana Culta
PGPF	Projeto de Gramática do Português Falado
PPGLA	Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada
QT	Quadro Tópico
SbT	Subtópico
ST	Supertópico
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A ATROFIA CORTICAL POSTERIOR: UM SUBTIPO DA DOENÇA DE ALZHEIMER	19
3 A NOÇÃO DE TÓPICO DISCURSIVO: UMA CATEGORIA ANALÍTICA	32
4 A REFERENCIAÇÃO: UMA ATIVIDADE TEXTUAL-DISCURSIVA	38
5 METODOLOGIA	42
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	46
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXO A - NOTAÇÕES DE TRANSCRIÇÃO	79
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	80

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *Progressão tópica e referencial em interações no contexto da Atrofia Cortical Posterior*, objetiva, de modo geral, verificar como ocorre a progressão referencial e a progressão tópica em interações orais de uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior (ACP), um subtipo da Doença de Alzheimer (DA).

Para isso, mobilizar-se-ão duas categorias analíticas, o *tópico discursivo*, proveniente da Análise da Conversação, e a *referenciação*, problema filosófico e semântico, que, no escopo desta investigação, será estudada à luz das considerações teóricas da Linguística Textual, de modo a observar as estratégias de construção de sentidos e de engajamento interativo no contexto da ACP – patologia neurodegenerativa que tem como principal sintoma a dificuldade visual; no entanto, com o seu avanço, surgem também os déficits cognitivos e linguísticos, conforme será esclarecido no capítulo subsequente.

Ambas as vertentes, LT e AC, são áreas de descrição e de estudos na esfera da Linguística. Contudo, conforme Barros, “[...] a delimitação de áreas sempre envolve discussões epistemológicas complexas, quase sempre não consensuais”. (BARROS, 2017, p. 302). À vista disso, não se intenciona, neste momento, apresentar uma retrospectiva da história da LT e da AC: pretende-se destacar, sucintamente, algumas particularidades relevantes de cada área, em busca de estabelecer discussões relativas às suas interfaces e às suas delimitações, de forma a justificar a motivação pela qual são inseridas essas perspectivas neste trabalho.

A AC, a saber, tem raízes na Etnometodologia, área da Sociologia originada a partir das pesquisas de Harold Garfinkel. Em meados de 1970, Garfinkel recebeu a colaboração de Sacks, cujas conferências na Universidade da Califórnia proporcionaram o início da área que começou a ser intitulada como *Análise da Conversação*. Já no Brasil, nessa época, em São Paulo, há o desenvolvimento do Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC-SP), coordenado pelo professor Dino Preti, precursor dos estudos da conversação.

No que concerne ao termo AC, Barros (2017, p. 321, grifo do autor, grifo nosso) articula que

[...] firma-se como correspondente a um paradigma particular no estudo da interação verbal [...]. O foco recai sobre os procedimentos ativados na 'fala-em-interação' através da observação de como os interactantes, sistematicamente, organizam suas contribuições, visando a evitar ou a reparar problemas conversacionais: reações colaborativas, alocação de turnos, reparos, etc. A AC está empenhada em descobrir a organização social endógena das atividades desempenhadas nos contextos cotidianos, considerando que **a interação social é coletivamente organizada pelos interactantes.**

Em princípio, o pressuposto básico da AC diz respeito ao fato de a conversação ser um sistema organizado, apesar de parecer confuso, tendo em vista que nenhuma ação dos interagentes é arbitrária: todas essas ações dos participantes da interação são estratégias motivadas que visam a alcançar algum objetivo na comunicação.

Essa possível definição da AC, consoante Barros (2017, p. 321), surgiu por meio da “[...] reação ainda vigente à época de que a escrita seria organizada, enquanto a fala seria caótica e não analisável”. Pelo contrário, revela-se que a fala é totalmente passível de análise, porque é organizada do ponto de vista da execução de estratégias dos participantes, que pretendem gerenciar os turnos de fala na interação face a face, com vistas a produzir sentido no evento discursivo. Por isso, a concepção de *conversação* centra-se, principalmente, na “disputa” dos participantes entre si “[...] para obter e manter o turno, introduzir e controlar tópicos”. (BARROS, 2017, p. 322). Sendo assim, ainda consoante Barros (2017, p. 324), depreende-se que “A interação social na AC é analisada de forma a identificar como os participantes organizam coletivamente a interação”.

A Linguística Textual, por sua vez, delimita-se como o campo de estudo que elege essencialmente o texto como uma unidade hierarquicamente superior à frase. (MARCUSCHI, 2012). Tal concepção firmou-se em um momento da área da LT, no qual se compreendeu a conveniência de ultrapassar os limites de uma análise transfrástica, com a finalidade de resolver fenômenos como a *referenciação*, por exemplo. Quer dizer, notou-se que a gramática de frase não dá conta do texto e, por isso, passou-se a reconhecê-lo não apenas como um aglomerado de frases, mas como uma unidade de sentido. (MARCUSCHI, 2012). Por conseguinte, Marcuschi (2012) propõe que se contemple a LT

[...] como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções. Em suma, **a LT trata**

o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. (MARCUSCHI, 2012, p. 33, grifo nosso).

Nos estudos do *Projeto de Gramática do Português Falado* (PGPF), conduzidos pelo professor Ataliba Teixeira de Castilho (1990), consolidou-se a perspectiva textual-interativa, por meio da qual a LT passou a produzir reflexões acerca do texto oral e da construção de sentido, assegurando o tema da organização tópica e dos processos de referenciação em lugar de notoriedade. Assim, recentemente, há um crescente interesse da LT no estudo do tópico discursivo, uma vez que o analista de tópico discursivo necessita considerar o texto como unidade. (BARROS, 2017).

Após serem sucintamente delimitadas e apresentadas as duas disciplinas, destaca-se a particularidade que as aproxima no âmbito da investigação proposta: ambas compreendem o texto, enquanto objeto de estudo, como unidade de produção de sentido; quer seja o texto oral, quer seja o texto escrito.

Logo, explana-se que o compromisso geral da LT, no que concerne ao texto como unidade de análise, é superar a análise transfrástica; enquanto a AC, no que lhe diz respeito, preocupa-se em investigar o sentido da ordem, com o intuito de comprovar que a conversação é suscetível à análise. (BARROS, 2017). De acordo com Koch (1997), em partes, as pesquisas no âmbito da LT se diferem daquelas dos analistas da conversação,

[...] que têm seus interesses centrados nos aspectos sociointeracionais propriamente ditos da interação face a face, visto que os linguistas de texto, a partir das pesquisas por aqueles efetuadas, vão dar ênfase aos aspectos textuais e discursivos dessa interação. (KOCH, 1997, p. 72).

Clarifica-se, por consequência, que esta pesquisa não se fundamenta na perspectiva de nível frasal, em função de se pretender ultrapassar o nível da sentença, pressuposto básico da LT, haja vista que se elegerá um caráter substancialmente textual-interativo aqui. Para analisar a progressão tópica e referencial, faz-se necessária a delimitação do escopo da LT, segundo a qual “[...] um texto não equivale a uma mera soma de frases, isto é, [...] o texto é uma unidade de sentido”. (BARROS, 2017, p. 304).

Transparece-se, ademais, que esta dissertação também se insere nos princípios da Análise da Conversação, pois lida com dados interacionais e propõe-se a investigar a questão da organização tópica no contexto da ACP, de maneira a compreender a conversação a partir da sua organização textual.

Portanto, a partir de estudos da LT e da AC, este trabalho inscreve-se na abordagem textual-interativa, que nos possibilita analisar de forma consistente as marcas textuais da construção do discurso no fluxo interacional da conversação. (JUBRAN, 2006a; MIRA, 2016). A perspectiva textual-interativa adota o texto como unidade de análise maior e compreende-o por meio de uma visão de linguagem como atividade verbal, concentrando-se na interação face a face como objeto de estudo.

Nessa perspectiva, desenvolveremos uma investigação qualitativa de análise de dados de interação face a face de um contexto no qual o uso da linguagem é comprometido por patologia, procurando responder à seguinte questão: quais são as estratégias referenciais mobilizadas por uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior e como ocorre o desenvolvimento de tópico discursivo em suas narrativas orais? Ou seja, cabe buscar compreender os processos linguísticos assumidos, no momento exato da interação, momento em que as negociações semânticas, pragmáticas e discursivas se efetivam.

À vista da pergunta de pesquisa, o nosso objetivo geral é analisar o desenvolvimento tópico e a progressão referencial em interações de uma pessoa portadora de Atrofia Cortical Posterior. Os nossos objetivos específicos são: (a) descrever as estratégias de referenciação construídas durante a interação de uma pessoa com Atrofia Cortical Posterior; (b) verificar como ocorre o gerenciamento de tópico em dados de narrativas orais produzidas por uma pessoa que vive com Atrofia Cortical Posterior; e, finalmente, (c) apresentar as funções exercidas pelos dois processos que explicam a construção e a progressão do texto: a *progressão referencial* e a *progressão tópica*.

Com a finalidade de responder à pergunta de pesquisa, bem como de atingir os objetivos deste estudo, serão analisadas narrativas orais de uma pessoa diagnosticada com a doença ACP. Acautela-se, portanto, que é imprescindível garantir o respeito e a prevenção de danos quando as pesquisas envolvem o ser humano e, por isso, o nome verdadeiro da participante, assim como os nomes dos seus familiares e amigos citados nos excertos, serão preservados. Logo, no decorrer do presente trabalho, a participante será identificada pelo nome fictício “Joana”, assim como todos os nomes próprios mencionados no *corpus* também serão hipotéticos.

Joana, a participante da pesquisa, a qual será mais satisfatoriamente descrita no capítulo que explicita a metodologia desta investigação, é uma senhora de 73 anos,

diagnosticada, há cerca de seis anos, com Atrofia Cortical Superior, variação atípica da Doença de Alzheimer.

Joana é ciente da diagnose de ACP e sabe das suas complicações relativas à doença, entre as quais o primeiro sintoma a ser desencadeado nessa conjuntura: a perda degradante da visão; Joana também apresenta sintomas relativos a fases mais avançadas da doença, como a dificuldade de acessar palavras no momento do discurso, caracterizada como *anomia* e *parafasia*¹.

Posto isso, transparece-se que ela compreende seu grave comprometimento visual e seus prejuízos linguísticos em razão da doença e, diante disso, convive com suas cuidadoras que a auxiliam na execução das tarefas diárias.

Em vista desse contexto, percebe-se a importante atribuição de pesquisar o caso em estudo, que envolve uma enorme responsabilidade social. Por essa razão, atuar como pesquisador(a) de Linguística Aplicada (LA), especialmente no que tange a estudar a linguagem circunscrita em contextos neurodegenerativos, pode oportunizar a reflexão em relação ao que carece na sociedade: tolerância com a diversidade e a desconstrução de estigmas sociais relacionados às dificuldades de linguagem.

Ao defender o argumento de que a vocação da LA consiste em responder ao que a sociedade precisa, bem como ao elucidar a interessante transdisciplinaridade desse campo, Celani (1998) afirma que:

[...] a Linguística Aplicada parece ter vocação para uma atitude transdisciplinar. Essa preocupação com o social, com o humano, há tempos tem sido objeto de pesquisas em Linguística Aplicada e, de fato, é componente fundamental na definição da disciplina. (CELANI, 1998, p. 133).

Traduz-se, portanto, a LA como um domínio comprometido com questões sociais e, nessa perspectiva, salienta-se que realizar pesquisas que contemplem a ação de linguagem de indivíduos acometidos por déficits linguísticos é um desafio; apesar dos obstáculos, este trabalho alia a Linguística à área da saúde, no qual todos

¹ A saber, a anomia é caracterizada pelo bloqueio de acessar ao léxico necessário, quando surge a necessidade de se nomear objetos. (GOODGLASS; WINGFIEL, 1997). Consoante Feiden (2014, p. 37), “[...] quando um paciente [...] não consegue acessar a palavra-alvo em algum momento durante a sua produção de linguagem, esse indivíduo pode lançar mão de estratégias que o ajudem a superar a sua dificuldade de acesso lexical”. Já a parafasia, assim como a anomia, concerne ao obstáculo de designar um referente no momento do discurso; contudo, nesse caso, “[...] mesmo que o indivíduo consiga que a palavra-alvo passe por todos os estágios de processamento, é possível que essa palavra apresente algum prejuízo quando produzida”. (FEIDEN, 2014, p. 43).

os campos de estudo são valorizados, de maneira a transgredir os limites disciplinares.

Assim, pensa-se que este trabalho é relevante, em decorrência do fator humanitário destacado como característica do contexto de interação à disposição. Além de explorar questões de compreensão da linguagem em contexto neurodegenerativo, esta dissertação possibilita conhecer estratégias comunicativas empregadas por uma participante com ACP.

É imprescindível produzir pesquisas acerca da linguagem em um cenário de ACP, com vistas a proporcionar mais qualidade de vida aos pacientes diagnosticados e aos seus familiares, considerando as limitações linguísticas da pessoa portadora, no sentido de perceber que não há como negligenciar a realidade de que algumas peculiaridades emergem nesses contextos. Isto é, mais estudos nessa direção podem manifestar a reflexão social sobre o fato de os indivíduos que interagem com pessoas nesse contexto precisarem ser mais tolerantes, uma vez que possam compreender que tais pessoas necessitam de um tempo maior para produzirem sua fala, concedendo a elas, por exemplo, um tempo maior para produzirem sua fala.

Nosso interesse em propor tal pesquisa, por conseguinte, justifica-se, principalmente, pelo fato de que há poucas produções acerca da temática atinente à discussão da linguagem em circunstâncias de comprometimento. Frente a esse subtipo da DA, há a necessidade de se pesquisar acerca da linguagem nesse quadro específico de interação, de forma a contribuir para uma melhor compreensão das pessoas que convivem com essa patologia e a tentar eliminar a depreciação social que esse tipo de doença neurodegenerativa pode sofrer.

Além do fato de que há poucas contribuições acerca da discussão da linguagem nos contextos de comprometimento, especificamente a dificuldade de linguagem no quadro da ACP, a presente pesquisa justifica-se também pelo interesse em contribuir aos estudos do campo da Linguística Textual e da Análise da Conversação, porque debruça-se sobre o estudo de um tipo de *corpora* específico, que muito pode contribuir às investigações desenvolvidas por essas áreas.

Alguns trabalhos que têm como objeto de estudo a construção (reconstrução) de objetos de discurso relacionados à manutenção tópica e à progressão textual, a título de exemplo, já foram publicados. Entre os estudiosos que se preocupam em estudar essa sistematização intrínseca, sublinhamos os nomes de alguns expoentes, como Marcuschi (2006) e Koch e Penna (2006). Não se discorda dessas vozes e,

portanto, visa-se a propor um estudo tendo em vista essa relação textual-interativa entre essas duas categorias de análise, a Referenciação e o Tópico Discursivo, em um contexto interacional de patologia neurodegenerativa.

Finalmente, após explicitados os objetivos e os princípios norteadores deste estudo, cumpre, agora, aclarar o percurso a ser seguido na organização do trabalho. A estrutura do trabalho será organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo consiste na presente introdução. No segundo, será abordado acerca da Atrofia Cortical Posterior, o subtipo da Doença de Alzheimer, de modo a descrever e comparar as definições dessas duas patologias e a possibilitar o acesso ao conhecimento dos seus sintomas e das suas características. No capítulo três, será contemplada a noção de *tópico discursivo* como uma categoria de análise textual-discursiva. O capítulo quatro abordará o quadro teórico da *referenciação*, outra teoria analítica que constitui um dos fundamentos em que se ampara esta pesquisa. No capítulo cinco, serão esclarecidos os procedimentos metodológicos a serem adotados para a realização deste trabalho, com a finalidade de descrever o *corpus* a ser utilizado para a realização da análise. No capítulo seis, será executada a análise dos dados, por meio de excertos procedentes das narrativas da participante com ACP, no intuito de entender como os recursos linguísticos da Joana são mobilizados, utilizando-se as categorias do arcabouço teórico selecionado. Por fim, na última parte, serão apresentadas as considerações finais do trabalho, a fim de estabelecer uma reflexão acerca das conclusões a que se chegou, bem como acerca de possíveis contribuições provenientes deste estudo no contexto da ACP.

2 A ATROFIA CORTICAL POSTERIOR: UM SUBTIPO DA DOENÇA DE ALZHEIMER

O presente capítulo abará informações relevantes no que diz respeito à Atrofia Cortical Posterior (ACP), considerada, por alguns estudos da área médica, um subtipo raro da Doença de Alzheimer (DA), por ter a mesma causa associada e, por outros, como uma doença à parte devido aos sintomas diferenciados. A ACP é clinicamente diferente da DA, todavia ambas compartilham características do mesmo espectro patológico. Por isso, faz-se imprescindível comparar as duas doenças, de forma a contemplar suas definições e a possibilitar o acesso ao conhecimento sobre elas, à luz de estudos da área da saúde.

Os aspectos comparativos entre DA e ACP a serem descritos colaboram para um melhor entendimento clínico da manifestação das doenças, que podem apresentar sintomas distintos. Os dados que serão trazidos apresentam as possíveis particularidades nos quadros das doenças degenerativas e, também, auxiliam na reflexão acerca dos aspectos provenientes delas, que exercem influência sobre as relações diárias e sociais das pessoas portadoras, especialmente no que tange à contraposição entre o normal e o patológico.

Faz-se fundamental atentar, de antemão, que os modelos de revisão teórica das áreas médicas acerca das doenças degenerativas, geralmente, são embasados na forma de contraposição na qual as patologias que afetam a linguagem e a cognição são estabelecidas em (des)legitimação comunicativa. (MORATO, 2016). Por conseguinte, verifica-se uma lacuna referente à ausência de materiais amplos que abarquem a ACP, especialmente no quesito do contexto de linguagem.

Pensa-se que a produção deste capítulo, bem como a realização deste trabalho, propicia uma reflexão acerca dos desafios enfrentados no decurso da doença ACP. À vista disso, percebe-se a importante atribuição social da LA no que se refere à consideração acerca do papel ativo que as pessoas com ACP podem desempenhar.

Isso posto, na sequência, serão descritas as doenças DA e ACP, a fim de estabelecer a constituição desta pesquisa, que trata de situações conversacionais que envolvem uma pessoa acometida pela ACP.

Com o aumento da expectativa de vida da população e com a extrema redução da taxa de fecundidade apontada nas últimas décadas no Brasil, ocorreu um aumento

de idosos no país e, portanto, a pirâmide etária brasileira modificou-se. Dessa forma, simultaneamente à transformação demográfica, as mortes ocasionadas por doenças cardiovasculares e neuropsiquiátricas ganharam notoriedade, especialmente as demências – ou doenças neurodegenerativas –, como a Doença de Alzheimer (DA), que prevalece na população idosa, conforme evidencia Teixeira *et al.* (2015, p. 2):

Enquanto vários países relatam queda das taxas de mortalidade por outras doenças crônicas como acidente vascular cerebral (AVC) e doenças cardiovasculares, a tendência da mortalidade por doença de Alzheimer vem aumentando consistentemente em ambos os sexos e nas faixas etárias acima de 60 anos e, aparentemente, esse aumento não está relacionado apenas à melhora da capacidade diagnóstica, mas também à maior longevidade da população.

A idade muito avançada impulsiona a diminuição fisiológica das funções orgânicas dos indivíduos e implica o surgimento de demências, cuja prevalência prospera com o avançar da idade. (TEIXEIRA *et al.*, 2015). No que tange à prevalência da DA em idosos, Luzardo, Gorini e Silva (2006, p. 587) explicita o seguinte:

É o tipo de demência com maior chance de se desenvolver nas idades mais avançadas, sendo que o envelhecimento constitui o principal fator de risco para o desenvolvimento da doença, uma vez que ambos, envelhecimento e demência, compartilham qualitativamente das mesmas alterações neuropatológicas, na DA essas alterações ocorrem em intensidade muito maior.

Percebe-se, sobretudo, que envelhecer sem esquivar-se desses espécimes de enfermidades é um empecilho para a sociedade brasileira.

As demências são síndromes que acometem, de maneira expressiva, o funcionamento cerebral – além do prejuízo à memória e a outras funções cognitivas – comprometendo a autonomia dos sujeitos, podendo, até mesmo, levá-los a uma perda funcional mais severa, mais limitadora, porque o afrontam com a dificuldade de realização de tarefas diárias, bem como com o reconhecimento de lugares e pessoas do entorno cotidiano. (PRADO *et al.*, 2007). Por conseguinte, “[...] a causa mais comum de demência é a Doença de Alzheimer (DA), respondendo por 60% a 70% dos casos”. (BURLÁ *et al.*, 2013, p. 2951).

A Doença de Alzheimer recebe essa designação porque homenageia o Dr. Alois Alzheimer, quem descreveu, pela primeira vez, os sintomas demenciais de alterações no tecido cerebral de uma mulher de 51 anos. Nos estudos iniciais acerca da doença, acreditava-se que essa condição afetava indivíduos com menos de 60

anos e, na época, foi denominada como *doença pré-senil*. Contudo, atualmente, é considerada como uma patologia que afeta as funções cognitivas do idoso, caracterizada pelo caráter permanente e progressivo, causado por múltiplas etiologias, trazendo para o portador de Alzheimer dificuldade em seu âmbito social e ocupacional. (CRUZ; HAMDAN, 2008).

Em seu estágio inicial, a Doença de Alzheimer acarreta sintomas no que diz respeito à dificuldade de memória e, assim, propicia a deterioração das funções cognitivas progressivamente. Sereniki e Vital (2008) discorrem sobre a patologia, de modo a elucidar que a DA se caracteriza “[...] pela maciça perda sináptica e pela morte neural observada nas regiões cerebrais responsáveis pelas funções cognitivas, incluindo o córtex cerebral, o hipocampo, o córtex entorrinal e o estriado ventral”.

Luzardo, Gorini e Silva (2006), no excerto a seguir, também dissertam acerca da degeneração em relação aos sintomas da DA e revelam a denominação dos estágios de desenvolvimento de demência:

Ela [a doença de Alzheimer] afeta, inicialmente, a formação hipocampal, o centro de memória de curto prazo, com posterior comprometimento de áreas corticais associativas. Além de comprometer a memória, ela afeta a orientação, atenção, linguagem, capacidade para resolver problemas e habilidades para desempenhar as atividades da vida diária. A degeneração é progressiva e variável, sendo possível caracterizar os estágios do processo demencial em leve, moderado e severo, mesmo considerando as diferenças individuais que possam existir. (LUZARDO; GORINI; SILVA, 2006, p. 589).

Para apontar de que forma a DA afeta a linguagem dos indivíduos portadores da demência, visto que as circunstâncias deste estudo requerem essa elucidação, a fim de possibilitar a comparação aos sintomas da ACP, utilizou-se como aporte teórico o estudo de Nitrini *et al.* (2005, p. 723), no qual são descritos os seguintes sintomas que comprometem a linguagem:

Em seus estágios iniciais, a DA, embora conservando o conhecimento do vocabulário e o processamento sintático, acompanha-se de: (1) problemas semântico-lexicais similares aos de uma afasia semântica; e (2) dificuldades semântico-discursivas na interpretação de metáforas, provérbios, moral de estórias e material humorístico. Nos estágios intermediários, há piora destas alterações, aparecendo, então, violação de leis conversacionais, perda da função epilinguística (autocorretiva) e início de alterações fonológicas e sintáticas.

Portanto, o agravamento dos distúrbios de linguagem pode estar relacionado ao crescimento do problema cognitivo, que limita o vocabulário do indivíduo, compromete

as habilidades comunicativas e dificulta o encadeamento de ideias numa situação real de comunicação, tanto na fala quanto na escrita. (NITRINI *et al.*, 2005).

É comum ocorrerem equívocos no diagnóstico da DA, principalmente, no que concerne à semelhança com a Doença de Parkinson, haja vista que também “[...] é uma doença neurológica que gera uma demência própria com a progressão”. (XIMENES, 2014, p. 52). No Brasil, em 2005, o Departamento Científico de Neurologia Cognitiva e do Envelhecimento, da Academia Brasileira de Neurologia, elaborou critérios para o diagnóstico de DA, dividindo a demência de Doença de Alzheimer em três critérios clínicos centrais: demência da doença de Alzheimer provável, demência da doença de Alzheimer possível e demência da doença de Alzheimer definida. (FROTA *et al.*, 2011). De acordo com Ximenes, Rico e Pedreira (2014, p. 125, grifo do autor):

No *provável*, a demência é estabelecida por: exame clínico e documentada pelo Mini-Mental State Examination (MMSE) ou Escala de Demência de Blessed, ou outro exame similar, confirmado por testes neurológicos; déficit em duas ou mais áreas da cognição; progressiva piora da memória e de outras funções, sem distúrbio de consciência; início entre 40 e 90 anos de idade, mais frequentemente acima dos 65 anos; e ausência de outros distúrbios sistêmicos ou cerebrais, que poderiam ser as causas dos déficits de memória e de cognição progressivos. No diagnóstico *possível*, há a presença de uma síndrome demencial e ausência de anormalidades neurológicas, psiquiátricas ou sistêmicas suficientes para causar a demência; no entanto, há a presença de variações no início, na apresentação e no curso clínico ou ainda a presença de doença secundária sistêmica ou cerebral que poderia ser a causa do quadro, mas não é considerada a causa. Já o diagnóstico *definitivo* de DA só pode ser feito mediante a análise histopatológica do tecido cerebral post-mortem.

Revela-se que existem, aproximadamente, 70 doenças que podem causar demência – a Doença de Alzheimer (DA), a Demência Vascular (DV), a Demência com Corpos de Lewy (DCL), a Demência Frontotemporal (DFT), entre outras. No entanto, nem todas são progressivas como a DA, cujo processo de desenvolvimento é irreversível. (XIMENES, 2014). Além da manifestação comum, descrita como variante amnésica, a DA ainda apresenta duas variantes atípicas, as não amnésicas, a saber: a variante logopênica da Afasia Progressiva Primária (APPL) e a Atrofia Cortical Posterior (ACP). Conforme Souza e Teixeira (2014, p. 353):

A primeira envolve dificuldade em buscar palavras isoladas de modo espontâneo, no discurso ou na nomeação, dificuldade na repetição de sentenças ou frases e erros fonológicos na linguagem expressiva. Não há agramatismo intenso, déficits semânticos acentuados ou alterações motoras na linguagem. Na atrofia cortical posterior, as principais alterações ocorrem

no processamento visual, envolvendo desregulação das redes atencionais relacionadas à orientação; déficits de processamento visuoespacial, alterações na leitura, na escrita e em habilidades matemáticas; e prejuízos na memória de trabalho visuoespacial. Nessas variantes não amnésticas da doença de Alzheimer, alterações em outros domínios cognitivos, sobretudo na memória episódica, são discretas e, em geral, secundárias a seus sintomas principais.

As corroborações em relação à DA são fundamentais, tendo em vista que a ACP é considerada como conseguinte da primeira e, outrossim, essas patologias apresentam sintomas partilhados. Por isso, alguns autores utilizam o termo *variante visual da DA* para descrever a ACP. (SERINO *et al.*, 2014).

Embora as doenças tenham sintomas parecidos, faz-se necessário explanar que elas se diferem em outros aspectos. Assim, a partir de agora, nesta seção, abordaremos, de forma mais ampla, sobre as características da ACP, descrevendo os sintomas que a doença pode apresentar.

A Atrofia Cortical Posterior, nomeada pelos médicos Benson, Davis e Snyder, em 1988, é uma doença degenerativa rara, considerada um subtipo da Doença de Alzheimer. Essa síndrome atinge as partes posteriores do cérebro, principalmente as áreas de associação visual, responsáveis pelas operações visuais e gestuais; ao passo que a DA envolve o hipocampo e a área entorrinal.

A ACP qualifica-se como uma doença progressiva e neurodegenerativa, assim como a DA, porém compromete diretamente as funções visuais superiores. (SERINO *et al.*, 2014). Por isso, o diagnóstico de ACP deve ser considerado quando uma pessoa apresenta sintomas complexos de visão sem a presença de patologias oftalmológicas de fato.

Em pesquisas realizadas, mostrou-se que as pessoas acometidas pela ACP demonstram memória episódica¹ e campo da linguagem mais preservados em comparação aos indivíduos portadores de DA. (CAPRILE *et al.*, 2009). A idade de início dos sintomas também é mais antecipada que na DA, porque habitualmente surge entre os 50 e 60 anos; no entanto, conforme Serino *et al.* (2014, p. 219), “[...] a linguagem, memória e insight permanecem relativamente preservados até as fases tardias da doença”.

¹ *Memória episódica* é um sistema neurocognitivo que permite ao ser humano lembrar fatos do passado, de modo a realizar uma “viagem no tempo”, memorando acontecimentos (ou episódios) de sua vida até o presente momento. (HAMDAN; BUENO, 2005).

No estágio inicial da DA, o primeiro sintoma a ser manifestado é a perda da memória episódica, todavia um paciente diagnosticado com ACP apresentará, inicialmente, dificuldades relacionadas à visão, embora existam casos em que a ACP se manifesta, preliminarmente, com dificuldades motoras – apraxia – ou dificuldades de realização de cálculos matemáticos – acalculia. (WANG *et al.*, 2015).

Consoante explicitado na seção de introdução, o *corpus* que compõe esta pesquisa diz respeito a narrativas orais de uma senhora portadora de ACP, ficticiamente nomeada como “Joana”. Na geração de dados, que será descrita de maneira adequada no capítulo concernente à metodologia, foram utilizadas como estratégia metodológica entrevistas abertas, nas quais um pesquisador e, às vezes, uma pesquisadora, conversavam com Joana, em sua residência, mediante encontros marcados mensalmente.

Em uma das interações, é possível observar queixas da participante acometida pela ACP no que se refere à dificuldade de visão. Nela, o pesquisador convida Joana para ir à mesa tomar chá, e a cuidadora, Vanessa, ajuda-a a caminhar até o destino. Em seguida, Joana lamenta-se de seus problemas visuais ao pesquisador, conforme o Excerto 1 a seguir:

Excerto 1 - A dificuldade visual

1	Pesquisador: quer ir lá tomar chá?
2	Vanessa: (acho que fica mais fácil) aqui na mesa...aqui aqui aqui
3	aqui:: do meu ladinho aqui:: mais para fre:nte aqui a mesa
4	Joana: eu estou com mais dificuldade assim ó eu sinto não de no
5	caminhar e coisa mas a visão está me atrapalhando

À vista desse excerto, revela-se que, constantemente, as pessoas acometidas pela ACP procuram um oftalmologista primeiro, devido às queixas visuais. (SERINO *et al.*, 2014). Isso porque a ACP é comumente uma síndrome visual, caracterizada, principalmente, pelo comprometimento progressivo das habilidades viso-espaciais. (CRUTCH *et al.*, 2013).

Além da disfunção visual, a ACP afeta as funcionalidades mentais e neurológicas, a saber, a relação entre linguagem, interação e cognição. É uma doença, portanto, que também recai sobre a linguagem; no entanto, conforme já reiterado, estudos sobre a doença nesse quadro específico tratam muito pouco sobre

a linguagem, fato que não contribui para uma compreensão mais ampla a respeito desse contexto.

As contribuições de Serino *et al.* (2014) asseveram que, na presença da ACP, há menor envolvimento de funções cognitivas, especialmente no âmbito da memória e da linguagem. Contudo, essas funções, geralmente, “[...] permanecem relativamente preservadas até as fases tardias da doença”. (SERINO *et al.*, 2014, p. 220).

As poucas pesquisas realizadas são baseadas na perspectiva biomédica, que enfocam na noção neurofisiológica da patologia e, dessa forma, não englobam experiências socioculturais que reverenciam a cognição humana, ou seja, essas investigações, comumente, não são vistas à luz de uma vertente mental *versus* social.

Cruz (2008), em sua tese intitulada *Linguagem, interação e cognição na Doença de Alzheimer*, traz à tona a discussão de dois modelos epistemológicos distintos, no que tange às formas de conceber e investigar as doenças neurodegenerativas: o biomédico e o biossocial. Estudos no modelo biomédico não consideram a relevância do aspecto social da doença e, logo, consoante Cruz (2008, p. 35), esse padrão “[...] parte de uma concepção mental de cognição humana, privilegiando, sobretudo, as relações entre estruturas neurológicas afetadas e declínio cognitivo, com ênfase nos processos neurodegenerativos”. Do contrário, um modelo biossocial de investigar a neurodegenerescência parte dos “[...] aspectos sócio-culturais na constituição (e na perda) da cognição, com ênfase nos processos sócioneurodegenerativos”. (CRUZ, 2008, p. 35).

Um desses estudos de modelo biomédico foi conduzido por Crutch *et al.* (2013), no qual executaram uma investigação por meio de um grupo de 15 (quinze) pacientes com Atrofia Cortical Posterior (ACP), 7 (sete) participantes com Afasia Logopênia Fonológica (ALF) e 18 (dezoito) pessoas saudáveis. Com esse grupo seletivo portador de ACP, foram efetuados testes que visavam a delimitar um perfil de linguagem dos indivíduos. Para isso, avaliaram-se o processamento auditivo, a repetição e a memória, a compreensão da gramática e do léxico, a recuperação de palavras isoladas e a fluência fonêmica. (CRUTCH *et al.*, 2013). Os resultados da investigação revelaram que as pessoas acometidas pela ACP, postas em relação aos pacientes saudáveis, apresentaram disfunção em todos os aspectos testados, com comprometimentos mais proeminentes no que concerne à fluência fonêmica, à lentidão na fala e, principalmente, à anomia e à parafasia.

A anomia, a saber, é caracterizada pela dificuldade de acessar palavras quando surge a necessidade de se nomear objetos. (GOODGLASS; WINGFIEL, 1997). Segundo Feiden (2014, p. 37), “[...] quando um paciente [...] não consegue acessar a palavra-alvo em algum momento durante a sua produção de linguagem, esse indivíduo pode lançar mão de estratégias que o ajudem a superar a sua dificuldade de acesso lexical”.

Além da grave disfunção visual ocasionada pela ACP, a participante desta pesquisa, a Joana, já apresenta leves sintomas próprios da doença, relacionados à disfunção de linguagem. A memória episódica de Joana está relativamente preservada, mas ela manifesta sintomas de anomia e, a fim de exemplificar como ocorre esse fenômeno nas interações dela, apresenta-se o Excerto 2, em que a Joana narra ao pesquisador a visita do seu filho e da sua família.

Excerto 2 – Um exemplo de Anomia

1	Joana: entende? Então aí eles combinaram isso que fosse...eles
2	chegavam e realmente ã eles tinham vindo pra fazer o exame de
3	tarde né então iam almoçar a::qui aí a Ires ã...tava quase
4	esperando que elas fossem que eles fossem ai a gente pode fazer
5	vir aqui espera Ires eu disse espera aí então eles chegaram aqui
6	e já disseram pra Ires tu não vai comprar nada não vai fazer
7	comida nós vamos ali no Feltrin e vamos almoçar ali...né foi
8	ótimo aí então...ele era o casal e nós todos almoçávamos ali no
9	Feltrin restaurante bom...assim...e::: ã de comer coisa assim
10	que tu pode fazer ã:: escolhas é::: como é que é não é a lá carte
11	é...
12	Pesquisador: onde todo mundo se serve?
13	Joana: isso como é que a gente diz?
14	Pesquisador: [buffet

No excerto, é possível perceber a dificuldade de Joana em relação ao acesso lexical, visto que ela demonstra um bloqueio ao tentar nomear a forma de se servir, na qual as pessoas escolhem o seu alimento, o *buffet*. Sendo assim, ela solicita a colaboração do interlocutor na seleção lexical, por ciência da própria dificuldade, por meio de perguntas, quais sejam: Como é que é? Como é que a gente diz?. É perceptível o apoio do pesquisador, no sentido de auxiliar a participante na

designação do objeto de discurso. Nota-se que o referente está constituído discursivamente, mas não está designado de fato, e, por isso, Joana vale-se de estratégias com vistas a superar a dificuldade linguística no momento da interação.

Diante da manifestação da dificuldade de acesso lexical, Joana também apresenta sintomas condizentes com a parafasia, especificamente a parafasia fonética. O fenômeno da parafasia diz respeito, assim como a anomia, à dificuldade de designar um referente no momento do discurso; no entanto, nesse caso, “[...] mesmo que o indivíduo consiga que a palavra-alvo passe por todos os estágios de processamento, é possível que essa palavra apresente algum prejuízo quando produzida”. (FEIDEN, 2014, p. 43). No seguinte excerto, é possível observar um exemplo de parafasia fonética manifestado por Joana, no qual a palavra “situação” tem prejuízo quanto à sua forma fonêmica.

Excerto 3 – Um exemplo de parafasia

1	Joana:	por	isso	eu	acho	que	foi	muito	importante	eu	participar	
2	em	tudo	o	o::	a	cemari	a::	cepulatório	a::	situação	toda	assim
3	sabe?	e	que	eu	me	senti	enfor	é	assim	ã	apoiada	
4	Pesquisador:	confortada										

Nesse exemplo, são visíveis as falhas relativas à inadequada seleção dos fonemas na cadeia de fala de Joana a fim de proferir “situação”. São enunciadas as parafasias *cemari a:: cepulatório* a fim de atingir a palavra-alvo *situação*. Além disso, Joana quer contar ao pesquisador que se sentiu “confortada” participando de determinada situação, mas não consegue acessar a expressão idealizada. Na tentativa de dizer “confortada”, ela enuncia *enfor* e, quando percebe que não acessará ao léxico almejado, ela utiliza uma estratégia, por meio da qual ela propõe uma relação sinonímica com a palavra-alvo naquela cena enunciativa, *é assim ã apoiada*, a qual convida o seu interlocutor a auxiliar na construção do lexema *confortada*.

No *corpus* desta pesquisa, encontram-se muitos exemplos nos quais Joana denuncia a sua dificuldade em relação à linguagem. No Excerto 4, a seguir, a título de exemplo, ela não tem certeza quanto ao emprego correto de um vocábulo:

Excerto 4 – Exemplo de convocação para reparo

1 Joana: a gente tem que ficar com o cinto fechado não pode fazer
 2 tu entende? elas **similaram** tudo tu entende? **similaram está certo?**
 3 **Está certo o que eu disse?**
 4 Pesquisador: simularam
 5 Joana: simularam...tudo né...

Repara-se que Joana tem dúvidas quanto ao uso da palavra “simularam”, porque ela questiona o pesquisador: Similaram está certo? Está certo o que eu disse?. E o pesquisador, por seu turno, auxilia a participante, designando a forma usual do termo, por intermédio de uma espécie de *correção*: simularam.

Diante dessas solicitações de ajuda, percebe-se que Joana disponibiliza a sua fala para ser reparada pelo outro (Está certo o que eu disse?). Aparentemente, esses pedidos de ajuda que Joana executa podem fundamentar o seu comprometimento de linguagem, haja vista que pode ser um dos diferenciais entre uma interação com sujeitos não acometidos por doenças neurodegenerativas e uma interação com sujeitos com acometimento.

Outro exemplo em que há a mesma ação conjunta entre locutor e interlocutor, em busca de auxiliar a participante a manter a interação, é o subsequente, no qual Joana não consegue pronunciar “esôfago”.

Excerto 5 – Exemplo de déficit de linguagem

1 Joana: porque ele não podia mais comer perto da gente porque ele
 2 tava não tinha mais **es esfoco esvoco es es**
 3 Pesquisador: **[esôfago]**

Diante dos sintomas possíveis advindos da ACP, a participante da pesquisa apresenta, conforme se pode contemplar nos exemplos supramencionados, algumas disfunções no que corresponde ao uso da língua, mas a sua memória está mais preservada. Joana é consciente da sua condição ocasionada pelos sintomas da ACP, fato que vai ao encontro da seguinte afirmação dela:

Excerto 6 – Autopercepção de Joana

1 Joana: aí tem ã lá eu vi co eu vi pela primeira vez esse esses
 2 monumentos...era o Vilagan Vigeland é um era u:m u:m...um
 3

4 escultor...que tu vê **eu posso estar lelé mas eu estou pensando**
 5 **tudo** (risos)
 6 Pesquisador: nã:o Joana
 7 Joana: né (risos) eu (né) tudo que eu estou te contando eu estou
 8 **eu posso ter errado alguma coisa...né mas eu estou atentíssima**
 9 Pesquisador: eu se:i que você está adorei o nosso papo...adorei
 conversar com você [...].

Portanto, Joana sabe das suas limitações linguísticas, em função de afirmar *eu posso ter errado alguma coisa*. E, a partir dos excertos exibidos neste capítulo, percebe-se a importância de o ouvinte de uma pessoa que vive com ACP compreender que algumas abordagens são necessárias diante das lacunas linguísticas. Posto isso, a tentativa do pesquisador de auxiliar Joana, bem como sua paciência em relação às dificuldades lexicais dela, mesmo que ela estimule alternativas através de estratégias, são notáveis nos diálogos.

Conviver com uma pessoa acometida pela ACP demanda alguns cuidados específicos, de modo a estabelecer o melhor convívio possível, tentando compreendê-la e evitando o seu isolamento social, que pode levar à depressão. Pensa-se que essa reflexão emerge por intermédio da leitura do próximo excerto de uma das narrativas orais de Joana.

Excerto 7 – Solicitação de pausa

1 Joana: depois a a mi a minha família morava na praça Júlio bem
 2 ali na esquina sabe quando tu vai tu pa
 3 Pesquisadora: [ah::
 4 Joana: te tem eu não sei de tu sabe conhece o:: ... **pera aí um**
 5 **pouquinho ã:: ... às vezes eu tenho que demorar**
 6 Pesquisadora: [tranquilo

Joana, nessa narrativa, produz uma hesitação (*tu vai tu pa te tem*), sinalizando que está lidando com uma limitação linguística e, em seguida, por meio do enunciado *pera aí um pouquinho ã:: ... às vezes eu tenho que demorar*, alerta à parceira interacional que ainda não finalizou a construção do seu turno de fala, mas que deseja finalizar, objetivando que a pesquisadora não tome a palavra. Essa é uma amostra de estratégia adaptativa da própria participante; e, assim

sendo, o Excerto 7 traduz que é importante que as pessoas, com as quais um(a) portador(a) de síndrome neurodegenerativa convive, demonstrem empatia e tenham paciência em relação às dificuldades acarretadas pela doença. Diante desse tipo de contexto de interação, é essencial conceber, por exemplo, um turno de fala maior à pessoa que demonstra dificuldade ao se comunicar.

Para finalizar esta seção, a fim de qualificar os sintomas das duas patologias, de forma a facilitar a retomada das características aqui difundidas, elaborou-se um quadro que compara as síndromes ACP e DA aos diferentes aspectos em que se apresentam, conforme especificado no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Aspectos da ACP e DA

ATROFIA CORTICAL POSTERIOR	DOENÇA DE ALZHEIMER (DA)
Doença progressiva e neurodegenerativa rara;	Doença progressiva e neurodegenerativa comum;
Atinge as partes posteriores do cérebro;	Atinge o hipocampo e a área entorrinal;
A pessoa acometida demonstra memória episódica e campo da linguagem mais preservados;	A pessoa acometida demonstra memória episódica e campo da linguagem não tão preservados;
Idade de início dos sintomas é mais precoce (surge entre os 50 e 60 anos);	A prevalência da doença é em idosos;
Os primeiros sintomas atingem as áreas de associação visual, responsáveis pelas operações visuais e gestuais;	O primeiro sintoma a ser manifestado é a perda da memória episódica;
A pessoa acometida tem dificuldades expressivas no âmbito social e ocupacional;	A pessoa acometida tem dificuldades expressivas no âmbito social e ocupacional também;

Fonte: Elaborado pela autora.

Os aspectos comparativos do Quadro 1 contribuem para a compreensão da manifestação clínica das doenças ACP e DA, que podem apresentar sintomas distintos. É importante esse cotejo, haja vista que a ACP, caso prototípico de demência iniciado com sintomas visuais, é considerada um subtipo da DA.

Outrossim, espera-se que as exemplificações dos excertos deste capítulo, que engloba informações sobre a ACP, possibilitem o entendimento dos déficits linguísticos que podem ser manifestados na linguagem em uso de um indivíduo afetado pela ACP, especificamente como se dá a linguagem da participante Joana. No entanto, lembra-se que o interesse deste estudo se direciona às construções discursivas que ocorrem nas narrativas orais de uma pessoa com ACP, de modo a investigar como acontece a progressão tópica e referencial nessa circunstância patológica, no lugar de focar nos déficits linguísticos apresentados. Não se trata de negligenciar a existência de dificuldades no uso da linguagem nesse contexto; pelo contrário, dedica-se em entendê-las. Contudo, voltar-se-á, nesta dissertação, a atenção àquilo que a participante portadora de ACP consegue fazer com o subsídio da linguagem, em substituição de dar enfoque naquilo que ela não consegue fazer.

Por fim, neste capítulo, comentou-se também, de maneira breve, acerca do modelo biomédico discutido por Cruz (2008), no qual não se considera o aspecto social da doença; não obstante, tendo em vista esse contexto de construção colaborativa de interação, explicitado pelos excertos supracitados, faz-se importante conjecturar este estudo respaldado no modelo biossocial, por meio do qual é possível a construção de significado nas práticas cotidianas que circundam a doença. Nesse modelo, vê-se a cognição humana como mental e social, ou melhor, por meio dele, as experiências socioculturais influenciam na cognição. (CRUZ, 2008).

Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para suscitar a discussão acerca da necessidade de os linguistas mobilizarem categorias de análise que dialoguem de forma interdisciplinar para entender que a linguagem é um artefato humano e “[...] usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros”. (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 285).

3 A NOÇÃO DE TÓPICO DISCURSIVO: UMA CATEGORIA ANALÍTICA

Nos estudos de Linguística do Brasil, a noção de tópico discursivo foi concebida, primeiramente, por Koch *et al.* (1990), no estudo *Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado*, a partir das pesquisas do Grupo de Organização Textual-Interativa do *Projeto de Gramática do Português Falado* (PGPF), conduzido por Castilho (1990), mas a definição dessa unidade discursiva carecia de maiores definições nessa fase. Ao ser admitida a carência conceitual dessa unidade, em 1992, no segundo estudo, intitulado *Organização tópica da conversação*, o Grupo empenhou-se em definir a noção de tópico discursivo como uma unidade de análise textual, constatando que “[...] ao longo de um evento comunicativo, os interlocutores centram sua atenção sobre determinados temas que se constituem como foco da interação verbal”. (JUBRAN *et al.*, 1992; JUBRAN, 2006a, p. 32).

A perspectiva textual-interativa, cujo apoio se dá na concepção de linguagem como uma forma de ação alicerçada em uma atividade discursiva efetuada entre, pelo menos, dois interagentes, é a base dos trabalhos do PGPF. Nesse sentido, Jubran (2006a) explicita a noção de texto e de linguagem que ancoram a perspectiva textual-interativa:

Os textos, unidades que resultam da ação verbal, são [...] entidades comunicativas verbalmente realizadas, e não entidades linguísticas com caráter comunicativo. Já que a competência comunicativa se manifesta em textos, esse ponto de vista particular sobre o heterogêneo fenômeno da linguagem, que leva a pesquisar a língua sob a forma com que ela se manifesta na interação, tem por decorrência o estabelecimento do texto como objeto de estudo. A concepção de linguagem como atividade de interação social e a conseqüente eleição do produto dessa interação – o texto – como objeto de estudo assentam-se em uma base teórica que congrega princípios da Pragmática, da Linguística Textual e da Análise da Conversação. (JUBRAN, 2006a, p. 28).

A visão textual-interativa apoia-se nesse tríplice de vertentes referidas acima e preocupa-se com o funcionamento da língua em contextos de uso, de forma que a investigação se foca na construção do texto falado. (JUBRAN, 2006a).

As pesquisas brasileiras produzidas no contexto do PGPF adicionam à noção de tópico a orientação de uma categoria textual-interativa. De acordo com Barros (2017, p. 308), “A perspectiva textual-interativa adota a visão de linguagem enquanto

atividade verbal, toma o texto como sua unidade de análise maior e foca na interação face a face como objeto de estudo”.

Logo, a noção de tópico passa a dispor de uma natureza eminentemente discursiva, visto que se manifesta “[...] na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem”. (JUBRAN, 2006d, p. 91).

Para analisar os processos de constituição do texto oral, Jubran (2006d, p. 89) define o tópico discursivo como uma unidade de análise de categoria textual-interativa, segundo a qual um “[...] recorte frasal dificilmente dá conta de dados pragmático-textuais”. Quer dizer, a noção de tópico seleciona o texto como objeto de estudo e não está restrita ao nível da sentença. (JUBRAN, 2006d).

À vista disso, na presente pesquisa, não se pretende tratar o tópico nessa perspectiva – a de tópico frasal, de natureza sintática e restringida ao nível da frase – uma vez que este estudo elege uma esfera mais ampla, que ultrapassa o nível da sentença, através de um caráter eminentemente textual-interativo.

O tópico discursivo é constituído, portanto, nessa opção teórica, mediante enunciados produzidos pelos interlocutores acerca de um conjunto de referentes, o que justamente o designa como uma categoria analítica abstrata, que se manifesta na conversação

O tópico discursivo pode ser entendido como o fenômeno que organiza o texto falado. Assim, a categoria analítica de tópico discursivo opera recortes de segmentos textuais, de modo a permitir ao analista identificar sobre o que se fala e como isso é organizado no texto. À vista disso, consoante Jubran (2006d, p. 90, grifo do autor):

O tópico decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam. [...] Assim, o tópico discursivo torna-se um elemento decisivo na constituição de um texto falado, e a estrutura tópica serve como fio condutor da organização textual-interativa.

A partir das pesquisas da vertente textual-interativa, foi possível observar que existe uma organização no texto falado, a qual é suscetível à investigação e à análise. Dessa forma, “observando-se [...] o compartilhamento de conhecimentos entre os

interlocutores e a coerência textual na interação verbal, evidencia-se a importância de se analisar a estrutura organizacional do texto falado”. (NASCIMENTO, 2012, p. 93).

Posto isso, constata-se que, na esfera textual-interativa, os estudos no que concerne ao tópico discursivo revelam que há uma organização dinâmica e coerente nos textos falados: eles não podem ser considerados caóticos, incoerentes ou desorganizados. Por isso, ressalta-se que o tópico discursivo é dinâmico – não estático – e desenvolve-se nos processos enunciativos e interativamente: ele pode ser introduzido, desenvolvido, reintroduzido ou abandonado. Ou seja, as informações envolvidas na interação podem ser ativadas e desativadas, mediante estratégias de referenciação principalmente, e abrangem um conjunto de circunstâncias contextuais – fatores que retratam a dinamicidade do tópico discursivo. (MARCUSCHI, 2008).

Inicialmente, o conceito de tópico foi elaborado a partir de investigações acerca da troca de turnos, o qual era apoiado em textos dialogados, quer dizer, a análise do *corpus* dizia respeito apenas a textos conversacionais. Conquanto, Jubran (2006c, p. 34) alega que a categoria tópica pode ser aplicada na análise de textos orais e, também, escritos, dado que “[...] a topicalidade é um processo constitutivo do texto” e, inclusive, a autora (2006b), em seu artigo *Revisitando a noção de tópico discursivo*, cita o trabalho de Pinheiro (2005), que analisou gêneros textuais de modalidade falada e escrita.

Por consequência, essa constatação levou à primeira revisão da noção de tópico discursivo, concebida a função interacional de modo amplo, que interpor-se-á a esta pesquisa. Em outras palavras, afastou-se da compreensão de tópico discursivo unicamente como consequência do envolvimento colaborativo dos interagentes de um ato conversacional, e considerou-se, além disso, as escolhas linguístico discursivas dos participantes para adaptar as definições das propriedades tópicas a serem descritas abaixo. (JUBRAN, 2006c).

O tópico discursivo é compreendido, destarte, consoante Jubran (2006c, p. 34), “[...] como uma categoria analítica abstrata, com a qual o analista opera para recortar segmentos textuais e descrever a organização tópica de um texto”, alicerçado nas propriedades tópicas de *centração* e da *organicidade*.

A primeira propriedade definidora do tópico discursivo, a *centração*, – à qual se atribui um importante papel no conceito dessa unidade discursiva – diz respeito ao conteúdo: “[...] um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem”. (JUBRAN, 2006d, p. 91). A *centração*, pois, aponta

para “acerca do que se fala” e engloba os traços de *concernência*, *relevância* e *pontualização*:

- a) a *concernência* – relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;
- b) a *relevância* – proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;
- c) a *pontualização* – localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (*concernência*) e na proeminência (*relevância*) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais. (JUBRAN, 2006c, p. 35).

A propriedade de *centração* e seus traços são ferramentas que possibilitam reconhecer, com maior clareza, o *tema* que se manifesta nos textos orais, tendo em consideração a dimensão textual na perspectiva textual-interativa. Isso porque nem sempre é fácil identificar o tema do evento comunicativo, porque ele não está necessariamente materializado no texto e, por consequência, cabe ao analista extrair o tópico. À vista disso, despertou-se a crítica de que a noção de tópico é intuitiva, todavia os traços de *concernência* e *relevância*, que especificam a *centração*, mostram-se “[...] como um critério a partir do qual o tópico pode ser identificado e depreendido”. (PINHEIRO, 2006, p. 44).

Já a segunda propriedade da noção de tópico, a *organicidade*, possibilita determinar a abrangência dos tópicos que se estabelecem nos planos hierárquicos e linear:

- a) plano hierárquico, conforme as dependências de super-ordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;
- b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso. (JUBRAN, 2006d, p. 94).

O plano hierárquico, conforme Jubran (2006d), representa uma relação de ordenação dos tópicos, na qual um tópico maior ou a *centração* mais abrangente de um tópico (supertópico – ST) se divide em tópicos menores ou co-constituintes (subtópicos – SbT), condições e elementos necessários para a elaboração de um “quadro tópico” (QT).

Na organização tópica, também ocorre a linearidade discursiva, a partir das relações que se estabelecem entre os tópicos, as quais são caracterizadas por dois

fenômenos: a *continuidade* e a *descontinuidade*. A continuidade decorre de uma relação de proximidade entre dois segmentos tópicos – quando a abertura de um tópico ocorre após o fechamento e/ou esgotamento de outro. Nessa circunstância, a manutenção da conversação emerge na introdução de um novo tópico. Em contrapartida, a descontinuidade se dá na alteração da linearidade, provocada por uma suspensão definitiva do tópico, por uma cisão do tópico ou por uma expansão, apresentando-se em partes descontínuas, a saber:

- a) pela suspensão definitiva de um tópico, quando um novo tópico provoca seu corte, ocasionando uma ruptura caracterizada pelo não-retorno do interrompido;
- b) pela cisão de um tópico em partes, que se apresentam de forma não-adjacente na linearidade do texto, em decorrência da intercalação, no seu interior, de outro(s) tópico(s);
- c) pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente. (JUBRAN, 2006d, p. 100).

Jubran *et al.* (1992) atingiram a identificação de segmentos tópicos, definindo-os como “[...] unidades discursivas que atualizam as propriedades do tópico”. (JUBRAN *et al.*, 1992, p. 363). Um texto falado é composto de segmentos tópicos, que, geralmente, estão relacionados com o tema geral ou tópico discursivo, e a conversação inicia com o tópico que motivou o encontro. Isso ocorre porque há um processo de troca de turnos entre dois sujeitos, no qual a interação acarreta uma construção colaborativa, “[...] pela qual um turno não é simples sucessor temporal do outro, mas é produzido, de alguma forma, por referência ao anterior”. (JUBRAN, 2006d, p. 90). Assim, ocorre o que Jubran (2006d) intitula de *projeção*, pois projetam-se possibilidades que um elemento no turno anterior provoca no turno seguinte, considerando o entrosamento dos locutores em dado evento comunicativo. Por conseguinte, em qualquer interação verbal entre indivíduos, há a preocupação dos falantes de interagirem, os quais buscam preservar a conversa à volta de um grupo de objetos-de-discurso compartilhados, que se estabelecem como núcleo da interação.

Nas pesquisas sobre tópico discursivo e referenciação, há dois processos que explicam a construção e a progressão do texto: a *progressão referencial*, que é relativa à introdução, preservação, continuidade e/ou retomada de referentes do texto, denominando-se *cadeia referencial*; e a *progressão tópica*, que corresponde ao assunto tratado ao longo do texto. (MARCUSCHI, 2006).

A progressão tópica pode ser concebida de forma contínua ou descontínua. Ou melhor, “[...] tem-se continuidade, quando ocorre a manutenção do tópico em andamento ou, então, mudança tópica; caso ocorra uma quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico, tem-se a descontinuidade tópica”. (KOCH, 2015, p. 99). Apesar de uma pessoa propor o tópico, não terá a certeza da condução dele até o final, tendo em vista que ela conta com a participação do outro para encadear os conteúdos da conversa. Isto é, a continuidade (progressão) tópica não é garantida no decorrer do texto, conforme elucida Marcuschi (2006, p. 10): “[...] se a continuidade referencial serve de base para o desenvolvimento de um tópico, a presença de um tópico oferece tão somente as condições possibilitadoras e preservadoras da continuidade referencial, mas não a garante”.

A organização sequencial dos tópicos manifesta-se através de algumas estratégias de construção textual, de forma que podem estabelecer como o tópico é introduzido no discurso e como ocorrem a manutenção e a mudança dele. (JUBRAN, 2006d). Na literatura sobre organização tópica de textos de língua falada, há a descrição de muitas estratégias que viabilizam movimentos de encaminhamento, fechamento e retomada de tópico; todavia, optou-se por apresentar os exemplos estratégicos mobilizados pela Joana no capítulo analítico desta dissertação, onde será possível explorar com mais profundidade esses artefatos linguísticos.

Em conclusão, afirma-se que, na organização tópica, a coerência entre os tópicos é concebida durante as trocas de turno pela cooperação dos falantes; não obstante, o desenvolvimento de um tópico não ocorre apenas devido ao encadeamento de turnos, mas em razão, inclusive, da progressão referencial, que também é responsável pela construção partilhada dos sentidos na interação. Isso porque a progressão tópica necessita garantir a continuidade de sentidos, “[...] o constante ir-e-vir entre o que foi dito e o vir-a-ser dito responsável pelo entretenimento dos fios do discurso”. (KOCH, 2015, p. 101).

Por término, considerando que a topicalidade é o fio condutor da organização discursiva, elege-se esse argumento na constituição desta investigação. Na presente pesquisa, por fim, pretende-se averiguar como esse fio condutor funciona no contexto da Atrofia Cortical Superior, isto é, será analisado como ocorre o movimento de tópico discursivo em narrativas orais nessa conjuntura de interação.

4 A REFERENCIAÇÃO: UMA ATIVIDADE TEXTUAL-DISCURSIVA

A forma como se utiliza a linguagem para referir-se à realidade do mundo gera posições distintas no âmbito teórico da Linguística. A maior parte das respostas para o problema de entender como a língua refere-se ao mundo pressupõe que os referentes são simples rótulos para designar as coisas, de forma que espelhem diretamente a realidade. Isto é, nessa visão, no que diz respeito à relação entre as palavras e o mundo, referenciar é “etiquetar” ou rotular os objetos mundanos. Mondada e Dubois (2003, p. 17) revelam que a “[...] ideia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas tem atravessado a história do pensamento ocidental”.

A realidade é construída — e também modificada —, não apenas pela forma como o mundo é nomeado, mas, principalmente, pela maneira como interagimos com ele sociocognitivamente. Assim, em conformidade com Marcuschi (2001, p. 38), assevera-se que “[...] a referência não se dá apenas na relação linguagem – mundo”. Dessa forma, compreende-se que, quando nos referimos a algo, não estamos nominalizando, mas agindo para a construção de interpretações e definindo uma atividade conversacional. (KOCH, 2002). Conforme Mondada e Dubois (2003, p. 17), “[...] as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso das suas atividades”.

A abordagem sociocognitiva da linguagem desconsidera a relação de correspondência entre as palavras e os objetos do mundo, haja vista que, no que tange à construção da referência, a relação existente entre o que se fala e o significado disso, no mundo do discurso, é um processo concedido pela sociocognição. Ou seja, é uma ação cognitiva situada socialmente e interacionalmente. Segundo Marcuschi (2001, p. 38), “[...] a referência, na relação face a face, é muito menos uma determinação linguística e muito mais uma ação conjunta num processo interativo com atividades inferenciais realizadas na enunciação [...] e a cognição situada exerce um papel central”. Ademais, tendo em vista essas constatações, Mira (2016) esclarece o seguinte:

Na abordagem sociocognitiva da linguagem, a referenciação é um fenômeno de natureza semântico-discursiva em que é possível observar a emergência de processos de significação, evidenciando as relações entre linguagem,

cognição e interação [...]. A referenciação representa um deslocamento da clássica questão da referência, por considerar que os processos semânticos não são frutos apenas de uma relação entre as palavras e as coisas, que a construção de referentes no discurso não ocorre somente pela seleção de objetos definidos a priori do uso da linguagem. Pelo contrário, é durante o desenvolvimento da atividade discursiva, que emergem os objetos a que o próprio discurso remete. (MIRA, 2016, p. 1132).

A referência, logo, não é um processo cognitivo interno, uma vez que ela se constrói pelo (no) discurso e, por isso, há a proposta de alterar o conceito de *referência* pela noção de *referenciação*. (KOCH; ELIAS, 2013). Sendo assim, é justamente essa percepção teórica, conforme a qual o referente é constituído sociocognitivamente no interior da interação, que assumiremos em nossa pesquisa.

Mondada (1994), numa concepção revisitada, define o referente como *objeto de discurso*, aquele sobre o qual se fala em uma comunicação oral ou escrita, tendo em vista que a referenciação configura-se na construção e na reconstrução desses objetos. Por conseguinte, de acordo com Koch e Elias (2013), a referenciação consiste em “uma atividade discursiva”, dado que “[...] o sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido”. (KOCH; ELIAS, 2013, p. 124). Nesse sentido, de forma a complementar essas corroborações, Mira (2016) disserta que:

[...] a noção de objetos de discurso rompe com a concepção de a linguagem ser apenas uma forma de nominalizar, de ‘etiquetar’ os objetos no mundo, por situar a linguagem e as atividades de significação como uma atividade cognitiva e social que constitui a realidade humana. Os objetos de discurso são constituídos na e pela atividade interativa, seja ela por meio de textos escritos, orais ou na conversação face a face, sendo dinâmicos e passíveis de serem (re)configurados semântica e discursivamente. (MIRA, 2016, p. 1133, grifo do autor).

Os objetos do discurso, portanto, fazem referência àquilo que é constituído na atividade discursiva, a partir do sociocognitivismo, uma vez que a concepção sociocognitiva da linguagem permeia a noção de referenciação. Logo, se há objetos constituídos na interação, de fato, ocorreu a atividade discursiva e, por isso, intitulam-se *objetos discursivos*. Isso significa que eles não são dados *a priori* — não são definidos —, já que são constituídos a partir de diversas estratégias. Dessa forma, evidencia-se que a produção de um texto oral e/ou escrito não depende apenas de fatores textuais, pois as características sociocognitivas dos usuários da língua

também são envolvidas na interação. (KOCH, 2008a). Segundo Koch (2002, p. 40, grifo do autor):

[...] os chamados 'referentes' são, na verdade, objetos-de-discurso que vão sendo construídos e reconstruídos durante a interação verbal. Os objetos-de-discurso são, portanto, altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual.

Percebe-se que linguagem e cognição são intrínsecas ao ato de referenciar, e a interação propicia um processo ativo e contínuo de construção dos objetos de discurso e de sentidos entre os interlocutores. Isso vai ao encontro do seguinte trecho de Koch (2008a), através do qual se pode confirmar que a referenciação é uma atividade discursiva, em que as categorias não são predeterminadas:

A língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes, quer de ordem lingüística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos –, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos. Passa-se, assim, a postular que a referenciação, bem como a progressão referencial, consistem na construção e reconstrução de objetos-de-discurso. (KOCH, 2008a, p. 203).

No que se refere à linguagem como atividade discursiva – até mesmo, colaborativa –, numa visão sociocognitiva e interacional, entende-se, sobretudo, que a questão referencial está envolvida e que os objetos do discurso são produzidos no exato momento em que são exigidos, em conformidade com as intenções comunicativas dos parceiros, que estabelecem a produção de sentidos.

A atividade discursiva de referenciação está intimamente ligada à topicalidade textual, em decorrência de um texto ser construído e progredido com base nos processos de progressão referencial e tópica, fato já explicitado no capítulo precedente, que abrange os estudos acerca do tópico discursivo. (MARCUSCHI, 2008). Nessas circunstâncias, Jubran (2006d) aduz que, com a preocupação de se entrosarem, os falantes procuram manter a conversa em torno de um conjunto de *objetos de discurso compartilhados*, que se constituem como o cerne da interação verbal.

Essa relação entre o objeto de discurso e o tópico discursivo é tema de estudos brasileiros relativos ao texto e ao discurso de tendência sociocognitivo interacional. (PINHEIRO, 2012). As duas principais discussões no que cerca a essa relação são provenientes dos trabalhos de Marcuschi (2006) e Koch e Penna (2006), nos quais são feitas análises empíricas de textos, de forma a constatar que as duas noções estão intrinsecamente relacionadas.

Nas palavras de Pinheiro (2012, p. 794), a progressão tópica e a progressão referencial podem ser correlacionadas, tendo em vista que “[...] um objeto de discurso é identificado [...] como tal pelos próprios participantes de uma interação verbal, e assim pode ser tratado como tópico, isto é, objeto considerado e manifestado como o assunto sobre o qual o texto/discurso se porta”. Sendo assim, o tópico discursivo pode ser visto como uma produção enunciativa de objetos de discurso. (MARCUSCHI, 2006).

Frisa-se, por fim, que a progressão referencial e a progressão tópica são categorias de análise independentes, em consequência de serem estudadas à parte; no entanto, no uso efetivo da língua, revelam-se como dimensões interdependentes. Portanto, a referenciação como artefato de construção de objetos de discurso, assim como o tópico discursivo, é processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional.

5 METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo baseia-se no modelo de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, no qual não há situações artificiais criadas em laboratório, mas interações e práticas dos sujeitos na vida cotidiana. As características essenciais do modo qualitativo fundamentam-se nas reflexões dos pesquisadores acerca de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento. (FLICK, 2009). A metodologia qualitativa da pesquisa em ciências humanas torna o pesquisador um sujeito crítico que contempla, observa, analisa e reflete sobre a conjuntura do humano. (LAVILLE; DIONNE, 1999). Ademais, o estudo qualitativo apresenta-se com caráter fundamentalmente interpretativo, porque, a partir da geração de dados, é realizada uma análise, de forma a serem descritos os fatos observados. (CRESWELL, 2007).

A estratégia metodológica utilizada é o estudo de caso, variedade de abordagem da pesquisa qualitativa, tendo em vista que esta investigação está alicerçada por dados de uma única pessoa, o que a caracteriza como o tipo de abordagem restrita a um único contexto. Um estudo de caso visa a conhecer uma entidade bem definida, necessariamente inserida num determinado contexto, a qual pode ser uma pessoa, uma instituição, um sistema educacional, ou alguma outra unidade social. (PONTE, 2006). Para Ponte (2006, p. 1), o estudo de caso é “[...] uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial”. No caso deste trabalho, objetiva-se compreender quais são as estratégias referenciais movimentadas por uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior e como ocorre o movimento de tópico discursivo em suas narrativas orais, de modo a evidenciar a identidade da participante, bem como características próprias do contexto da doença, nomeadamente nos aspectos que interessam ao pesquisador.

Outra estratégia metodológica utilizada foi a entrevista aberta, uma vez que, para a composição do *corpus* que alicerça esta pesquisa, foram gravadas entrevistas com uma participante portadora de Atrofia Cortical Posterior, as quais não seguiram perguntas prévias e fechadas. A entrevista aberta, enquanto dispositivo metodológico do fazer científico, revela-se como uma ferramenta importante para o pesquisador, especialmente porque a interação entre o entrevistador e o participante enriquece a pesquisa. Ademais, as respostas espontâneas do entrevistado – e a maior liberdade que tem para conversar – podem beneficiar no surgimento de dados interessantes,

que poderão ser muito úteis e relevantes na investigação. (BONI; QUARESMA, 2005). A prática comunicacional de entrevista viabilizou a geração de dados passíveis de análise para o projeto ao qual esta pesquisa está inserida, o qual será descrito a seguir.

O *corpus* é proveniente do desdobramento do projeto de pesquisa intitulado *O tópico discursivo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer*, coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Para a execução dessa pesquisa, houve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por intermédio do processo nº 15/191.

Inicialmente, os dados desse projeto eram obtidos em um Grupo de Apoio, coordenado por um médico neurologista, por meio de gravações das interações entre familiares e cuidadores de indivíduos acometidos pela Doença de Alzheimer. No entanto, à vista da necessidade de também ser investigada a produção linguística de uma pessoa com Doença de Alzheimer, no sentido de abarcar um cenário mais amplo da patologia, foram geradas novas gravações para o projeto, com uma participante portadora de Atrofia Cortical Posterior, um subtipo da Doença de Alzheimer. Esses últimos dados gerados, a saber, embasam o presente trabalho.

No processo de coleta e transcrição de dados do projeto, a identidade e o anonimato da participante foram preservados, consoante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Por isso, por motivos éticos, a participante é identificada pelo nome fictício “Joana” ao longo deste estudo. E as transcrições de suas narrativas são elaboradas com base nas notações usadas nas pesquisas do projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), nas marcações apresentadas nos trabalhos de Marcuschi (1998) e nas adaptações de Mira (2012, 2016), conforme Anexo A desta dissertação.

As interações que compõem a geração de dados ocorreram em um período de, aproximadamente, 32 meses, em encontros mensais do pesquisador com Joana, na residência dela, em uma cidade do sul do país. O tempo total das gravações que englobam o *corpus* é de cerca de 48 horas. Além dessas gravações, posteriormente, foram gerados outros dados sob as mesmas circunstâncias (encontros mensais previamente agendados na residência da participante), nos quais uma pesquisadora, participante do projeto do Prof. Dr. Caio Mira, entrevistou Joana, com base nos

mesmos critérios metodológicos de entrevista aberta. Por esse motivo, alguns excertos trazidos ao trabalho apresentam a participação de um pesquisador como interlocutor de Joana e, ora, de uma pesquisadora.

Os encontros foram gravados em meio audiovisual e, neles, não havia tópicos e/ou temáticas definidos para o início da interação, nem roteiros ou perguntas pré-determinadas, visto que incorporava o modo de entrevista aberta.

Os encontros entre os pesquisadores e a participante foram sempre previamente agendados. Sendo assim, os pesquisadores compareciam à residência de Joana, mensalmente, no dia e no horário estipulados, munidos de objetos e materiais para a geração dos dados. Dessa forma, ou Joana aguardava os pesquisadores na sala de sua residência, com algum conteúdo sobre o qual tinha interesse em conversar, e a interação desenvolvia-se a partir disso, ou o assunto desenrolava-se a partir de situações vividas por ela no intervalo entre as visitas, bem como por meio de histórias do passado. Logo, as conversas entre os entrevistadores e a Joana são espontâneas, e eles conversam, a título de exemplo, geralmente, a respeito de viagens, de atividades do cotidiano da Joana, além de acontecimentos da vida dela – entre outros tópicos.

A participante da presente pesquisa, nomeada ficticiamente como “Joana”, é uma senhora de 73 anos, natural do Rio Grande do Sul. Joana foi diagnosticada, há cerca de seis anos, com Doença de Alzheimer apresentada sob uma variação atípica intitulada Atrofia Cortical Posterior. Ela é ciente da sua doença, bem como das suas dificuldades relacionadas à enfermidade.

O estágio atual de Joana concerne a um nível intermediário da doença, no qual há a presença de sintomas relativos à perda de visão e ao déficit da linguagem – especialmente a dificuldade de acesso lexical (parafasias lexicais e anomia), a repetição de segmentos vocálicos –, além da redução da mobilidade, em razão do problema visual. Apesar desse cenário dificultoso que engloba essa patologia, ela recebe o auxílio de duas cuidadoras para exercer suas atividades diárias e conta, ademais, com o apoio dos familiares mais próximos para enfrentar a doença.

Joana era professora de língua inglesa, é pós-graduada, participa de atividades culturais e gosta de música, de cinema e de literatura. Ela já visitou diversos países e, portanto, viajar é umas de suas atividades preferidas, fato sobre o qual gostava de conversar nas interações com os pesquisadores. Joana, além da sua língua materna – a língua portuguesa – fala outros três idiomas: Inglês, Francês e Espanhol. Falar

outras línguas também é uma das atividades favoritas dela, e está aprendendo Braille, devido ao comprometimento da sua visão por causa da doença.

Além disso, para a execução das análises e discussão de dados do próximo capítulo, bem como para a utilização nos capítulos de fundamentação teórica, foram selecionados excertos pertencentes a entrevistas mais antigas do *corpus* do projeto coordenado pelo professor Dr. Caio Mira, nas quais há a participação de um pesquisador (Excertos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10 e 11 desta dissertação). Em compensação, também foram escolhidos excertos que dizem respeito a entrevistas mais recentes, nas quais há a atuação de uma outra pesquisadora (Excertos 7, 12, 13 e 14 deste estudo).

A escolha dos excertos a serem analisados se deu em função da ocorrência significativa de estratégias utilizadas pela participante, na intenção de construir o referente pretendido em colaboração com seu interlocutor, e na ocorrência relevante de estratégias que sinalizam a mudança de tópicos discursivos.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Esta seção de análise e discussão de dados contemplará o estudo das interações da participante desta pesquisa acometida pela ACP – a Joana –, com vistas a analisar o desenvolvimento tópico e a progressão referencial de suas narrativas orais.

Conforme explicitado no capítulo anterior, que se refere à metodologia deste trabalho, as interações entre a participante e os pesquisadores foram gravadas sem um roteiro de perguntas predefinidas, porque compreendem o modelo metodológico de entrevista aberta.

Relembra-se, ainda, que algumas interações deste capítulo dizem respeito às primeiras entrevistas gravadas (os diálogos com o pesquisador), visto que fazem parte dos dados mais antigos do *corpus* do projeto ao qual esta pesquisa está vinculada; em contrapartida, outras fazem parte da geração de dados mais recente do projeto (os diálogos com a pesquisadora).

Por meio das análises que serão aqui apresentadas, também será possível descrever algumas estratégias de referenciação construídas durante essas interações e, ademais, verificar como ocorre o gerenciamento de tópico nesse contexto de interação.

Em razão disso, apresentar-se-ão as funções exercidas pelos dois processos que explicam a construção e a progressão do texto: a progressão referencial e a progressão tópica. Para tanto, 7 (sete) excertos serão apresentados nesta parte da dissertação, sobre os quais serão tecidos comentários na sequência.

Como ponto de partida da análise, apresenta-se o Excerto 8, que corresponde à visita do filho Alex à residência de Joana. O filho não mora mais com Joana e nem na mesma cidade que a mãe, mas ele visita-a, em um final de semana, porque sua esposa, a Maria, tem exames marcados em um consultório médico da cidade. À vista disso, Joana narra os acontecimentos relativos à visita do filho, como também comenta sobre a logística dos horários das suas cuidadoras, contando ao pesquisador que, antigamente, ela tinha quatro cuidadoras, mas acabou ficando com três cuidadoras no decorrer da sua vida.

Excerto 8 - A visita do filho

1 Joana: o que eu vou te dizer...ã... tá as mudanças agora tem quatro
2 cuidadoras...mas uma delas ã...no começo eram quatro ai uma delas
3 foi embora porque não deu certo...então agora tem a si...a a...
4 Zelinda
5 Pesquisador: uhum
6 Joana: tem a Sonia que é de noite ela é sobrinha da Elis
7 Pesquisador: a:: sim
8 Joana: entendeu? então essas que tão...e tem uma moça que vem só um
9 sábado assim essa vem domingo passa (o dia) o domingo e...e vai e
10 dorme
11 Pesquisador: no final de semana?
12 Joana: isso assim ela vem domingo e a gente fica no domingo juntas
13 por exemplo nesse domingo ã...ela foi comigo na casa do
14 Renato...entende?
15 Pesquisador: uhum
16 Joana: porque era dia dos pais ã então fomos lá não tinha
17 feito...ã...o Alex tinha vindo na semana no...no começo da semana
18 ((inaudível)) ele chegou ã...deixa eu ver uma coisa hoje...sim ele
19 chegou...ele chegou para o fim de semana...né...que foi ã...que
20 agora já é quarta-feira né
21 Pesquisador: hoje é quarta?
22 Joana: isso então ele veio no fim de semana ã:: pra ficar ã até
23 pediu pra...ele precisava ã como é que eu vou dizer...a...a Alex
24 ã...tinha...ã pera um pouquinho sim agora eu já sei o Alex ã:: veio
25 com a família pra ele e a...a::...a Maria ela tinha que fazer exames
26 de cor de dor de cabeça entende? Então coisas assim ela foi fazer
27 Pesquisador: a Maria é a sua nora?
28 Joana: é
29 Pesquisador: a mulher dele?
30 Joana: isso e ela que...ela tava problemas de...ã...problemas
31 de...ã...menstruação e teve...e aí foram por causa disso ela teve
32 que fazer ã exames e aí a...então o Alex já veio pra porque eu
33 também perguntei como é que seria a situação de o dia dos pais eu
34 gostaria de estar com o Alex
35 Pesquisador: uhum
36 Joana: entendeu? Então aí eles combinaram isso que fosse...eles
37 chegavam e realmente ã eles tinham vindo pra fazer o exame de tarde
38 né então iam almoçar a::qui aí a Ires ã...tava quase esperando que
39 elas fossem que eles fossem ai a gente pode fazer vir aqui espera

40 Ires eu disse espera aí então eles chegaram aqui e já disseram pra
 41 Ires tu não vai comprar nada não vai fazer comida nós vamos ali no
 42 **Feltrin** e vamos almoçar ali...né foi ótimo aí então...ele era o
 43 casal e nós todos almoçávamos ali no **Feltrin restaurante**
 44 **bom...assim...e::: ã de comer coisa assim que tu pode fazer ã::**
 45 **escolhas é:::** como é que é **não é à la carte** é...
 46 Pesquisador: onde todo mundo se serve?
 47 Joana: isso como é que a gente diz?
 48 Pesquisador: [buffet
 49 Joana: buffet isso (risos) então ã almoçamos lá aí então eles foram
 50 o Alex e a Maria foram fazer os exames [...].

O Excerto 8 traz o relato de Joana a respeito da visita do seu filho, de sua nora e de suas netas, de forma a definir o cenário inicial da sua narrativa. Nessa cena, narram-se os preparativos para o almoço em família, por meio do diálogo entre Joana e sua cuidadora, a Ires. Em seguida, após os familiares chegarem, o filho e a nora de Joana decidem ir ao restaurante. Considera-se que o almoço é um fenômeno importante no contexto interacional, visto que outros acontecimentos originados desse momento ocorrem na sequência da narrativa.

Relembra-se que, no capítulo que concerne à descrição da ACP, utilizou-se uma parte do Excerto 8 com a finalidade de exemplificar a ocorrência de anomia na fala da participante Joana, cuja dificuldade era a de designar o termo *buffet*. No entanto, esse exemplo, à sombra do sintoma de anomia da participante, também se mostra relevante de ser analisado sob a ótica da Referenciação e do Tópico Discursivo.

Do ponto de vista referencial, na linha 42, Joana retoma indiretamente o termo *Feltrin* (nome fictício), rotulando-o como um restaurante e atribuindo-lhe a qualidade de ser bom. Já, a partir dos trechos 44-49, o diálogo de Joana é estrategicamente elaborado por meio de anáforas indiretas que recuperam o referente restaurante *Feltrin* e se associam a esse objeto de discurso já presente no contexto, quais sejam: *assim...e::: ã de comer coisa assim que tu pode fazer ã::*; *escolhas é:::*; *não é à la carte*.

De acordo com Koch e Elias (2013), anáfora é o mecanismo linguístico por meio do qual se remete para elementos presentes no texto – já mencionados. A anáfora indireta, por sua vez, consolida-se quando:

[...] um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob a capa de informação dada, em virtude da existência de algum tipo de **associação com outros objetos já presentes no co-texto** ou no contexto sociocognitivo, que é passível de ser estabelecida **por inferenciação**, a partir de um frame cognitivo ou de conhecimentos enciclopédicos de modo geral. (KOCH, 2008b, p. 103, grifo nosso).

Essa tentativa de Joana de especificar o objeto de discurso alvo, por meio de anáforas indiretas que remetem à noção de restaurante do tipo *buffet* ocorre, pois, em virtude do seu sintoma de anomia – dificuldade em alcançar o léxico necessário no contexto da interação.

No empenho em designar *buffet*, Joana vale-se de outra conhecida estratégia para superar tal prejuízo, a qual se aproxima dos preceitos da referenciação, com base na qual os objetos são constituídos sociocognitivamente no discurso: a aplicação de *perífrase*, figura de linguagem que consiste na substituição de um termo curto por uma expressão mais longa, que auxilia na transmissão da mesma ideia. Isto é, Joana substitui *buffet* pelas expressões *não é à la carte e comer coisa assim que tu pode fazer* :: escolhas, as quais são facilmente associadas à *buffet*.

Observa-se que o processo de denominar *buffet* é constituído de forma conjunta com o interlocutor/pesquisador na interação, através da estratégica produção linguística *não é à la carte*, em que a cena enunciativa estabelece uma relação antonímica entre *buffet* e *à la carte*. Assim, vê-se os conhecimentos de mundo dos interlocutores sendo compartilhados e sendo postos na interação, em um processo de coconstrução do referente, no qual se evidencia “[...] linguagem e cognição em interação”. (BENTES; MORATO, 2013, p. 127).

Além disso, a solicitação de Joana para que o pesquisador a ajude na designação da palavra-alvo, a fim de não colocar em risco a ação que está coconstruindo com dado interlocutor, por meio da pergunta *como é que a gente diz?*, destaca a co-participação dos interlocutores na construção do texto.

Do ponto de vista da organização tópica, essa solicitação de Joana na seleção lexical é um caso em que há uma parentetização que interrompe o desenvolvimento do tópico discursivo. Segundo Jubran (2006b, p. 336, grifo do autor), acontece parentetização quando:

[...] o locutor interrompe por momentos o desenvolvimento do tópico discursivo, a fim de, entre parênteses, chamar o interlocutor para dentro do texto, com o intuito de pedir-lhe ajuda para encontrar uma denominação. Esse pedido de ajuda geralmente aparece sob formas de perguntas do tipo ‘como

é o nome?', que juntamente com as respectivas respostas, configuram um par adjacente parentético.

Em uma interação, é normal que surjam problemas entre os interactantes – problemas de produção e entendimento na fala-em-interação, por exemplo – sobretudo, em um contexto neurodegenerativo, em que o indivíduo pode apresentar prejuízos no âmbito da linguagem. Esses impasses podem atrapalhar o andamento da interação e, por esse motivo, os participantes podem querer suspender o fluxo das suas ações a fim de resolvê-los. (LODER, 2008). Para isso, nas pesquisas em Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), existe um conceito básico que também ampara a referida questão da convocação de Joana para auxílio na constituição do referente: o mecanismo de resolução denominado *organização de reparo*. (LODER, 2008). De acordo com Loder (2008, p. 97), “[...] o reparo, por meio da identificação e tentativa de resolver o problema, acaba acarretando uma suspensão ou interrupção das ações até então em curso, que só são retomadas depois que o problema apontado for resolvido”. Isto é, após a resolução do problema, a denominação de *buffet*, que acarretou a suspensão do tópico em andamento, retoma-se ao tópico referente ao almoço no restaurante: *buffet* isso (risos) então ã almoçamos lá [...]. Pode-se qualificar esse processo como um mecanismo de explicitação de um problema, o qual é garantidor da progressão tópica naquele evento discursivo, assegurando, assim, o entendimento mútuo entre os participantes.

No Excerto 8, portanto, os interlocutores constroem colaborativamente a noção de *buffet*, porque Joana não consegue atingir a designação desse termo, embora ele esteja constituído discursivamente na interação. A pergunta do interlocutor, (*onde todo mundo se serve?*), evidencia a realização de uma atividade conjunta de linguagem. Esse exemplo marca a ação conjunta de um processo interativo realizado na enunciação, o qual vai ao encontro dos estudos de Marcuschi (2001, p. 38), segundo o qual a referenciação é fundamentada na ideia de que “[...] o uso da língua é realmente uma forma de ação conjunta”.

No Excerto 8, Joana conta ao entrevistador que o filho Alex e a nora Maria saíram para fazer os exames médicos da nora e, por isso, as meninas, netas de Joana, ficaram em casa com a avó. No Excerto 9, a seguir, a narrativa de Joana continua com o tópico principal que concerne à visita do filho, da nora e de suas netas, mas, a partir do segmento 56, insere-se um novo tópico – a brincadeira em relação ao casamento de Joana com o companheiro já falecido, o Luís –, o qual a neta mais velha

inventou, rotulado na sequência (linha 58) como a cat caté a catarse da Karen que é a mais velha.

Excerto 9 - A catarse

51 Joana: buffet isso (risos) então ã almoçamos lá aí então eles foram
 52 o Alex e a Maria foram fazer os exames e aí ela já tinha perguntado
 53 se a gente podia ficar com as meninas aqui foi o máximo tu não pode
 54 imaginar que maravilha porque a...as gurias vieram e a mãe e o pai
 55 saíram então por exemplo essa casa aqui pode brincar (todo mundo)
 56 pode sentar brincar e tudo né sabe que a Karen é a mais velha
 57 pego...vó sabe o que nós vamos fazer? nós vamos fazer o seguinte
 58 nós vamos fazer o casamento teu e do Luís olha só...a cat caté a
 59 catarse da Karen que é a mais velha...a forma como ela pensou ã...ao
 60 a homenagem do dessa relação minha e do Luís...que coisa
 61 interessante né aí ela disse assim...pediu pra Ires uma vi um
 62 vestido longo...eu ti (risadas) botei botou uma coisa assim na
 63 cabeça...vó agora ela pegou a foto do Luís...então a gente tava de
 64 a gente ficou de pé né o...ã vó tu aceita o Luís? sim aí depois aí
 65 Luís tu aceita a Ires (risadas) a Joana? Sim aí fizeram isso depois
 66 agora vó...deita aí eu (risadas) e a pequena também junto né...deita
 67 nós vamos agora viajar pra Cancun...tu vai...é a lua de mel de
 68 vocês
 69 Pesquisador: Cancun?
 70 Joana: não assim eu digo assim a ca a ideia dessa guria tu entende?
 71 né?
 72 Pesquisador: que imaginação
 73 Joana: e é aí então nós dei nós ã deita era todo mundo tinha que
 74 dormir porque a gente ia a:: a: pequena também né porque ia viajar
 75 junto aí então tinha que:: tinha que:: deitar e descansar porque...a
 76 gente tem que ficar com o cinto fechado não pode fazer tu entende?
 77 elas simularam tudo tu entende? simularam está certo? Está certo o
 78 que eu disse?
 79 Pesquisador: simularam
 80 Joana: simularam...tudo né...foi eu vou te dizer eu achei a coisa
 81 mais ((inaudível)) tu entende? porque ela fez uma coisa assim
 82 espontânea né...e ela ã foi uma home homenagem para o Luís pra mim
 83 foi tu entende porque ela não tinha mais visto a mim tu entende
 84 então ela pensou isso tu não achaste uma coisa muito querida?

85 Pesquisador: nossa e ela tem quantos anos?
 86 Joana: ela tem...oito
 87 Pesquisador: nossa oito anos...com essa imaginação toda
 88 Joana: tu viste? não e assim sabendo a:: de aceitar de não sei o
 89 que tudo eu fiquei eu fiquei surpresa essa guria sabe tudo já
 90 entende assim claro eles veem eles tem fil filminhos e...sabe? Ipad
 91 e tudo que é coisa e a gente que fica não sabendo as coisas (risadas)
 92 pra mim é novidade então foi muito muito legal daí então no
 93 domingo...eu estava com essa Tereza essa com quem eu fico ã:: ã
 94 domingo e depois e fico com ela ã até o ã: segunda né aí naquele
 95 domingo é::: a gente ficou um pouco em casa até porque nós estamos
 96 arrumando assim tudo que é CD também tudo ordenado tudo é ã super
 97 ã:: a: sele seleci selecionar tudo organizado entende?
 98 Pesquisador: [uhum

Os referentes almoço, restaurante, comida e buffet do excerto anterior contornam o tópico discursivo no qual a Joana vai ao restaurante para almoçar com a família durante a visita do filho; já os termos exames, pai, mãe, sair e brincar do Excerto 9, disposto a partir da linha 52, por exemplo, circundam o tópico discursivo relativo a quando o pai e a mãe das netas de Joana foram ao médico para a realização de exames, momento em que as meninas ficaram em casa com avó e brincaram. Percebe-se que a continuidade referencial serve de base para o desenvolvimento de um novo tópico discursivo nessa interação. Revela-se, pois, a associação entre a referenciação e o tópico discursivo. Conforme Marcuschi (2008, p. 141), numa perspectiva macro, “[...] um texto constrói-se e progride com base em dois processos gerais: a progressão referencial e a progressão tópica”.

Ao inserir um novo tópico, a partir do segmento 52, Joana também inclui um novo objeto de discurso no texto, por meio de um rótulo – a catarse – que encapsula a informação difusa no co-texto precedente (vó sabe o que nós vamos fazer? nós vamos fazer o seguinte nós vamos fazer o casamento teu e do Luís).

Marcuschi (2006) relaciona a noção de tópico discursivo à de *frames* que se desenvolvem no encadeamento referencial, e isso pressupõe uma associação direta entre organização tópica e organização lexical. No Excerto 9, há uma progressão referencial ancorada por *frames*, cenas organizadas com base no conhecimento de

mundo da Joana. (MARCUSCHI, 2006). Em outras palavras, os enunciados se inter-relacionam pela coesão lexical estabelecida por meio da presença de lexemas do mesmo campo conceitual (*casamento, vestido longo, uma coisa assim na cabeça [grinalda], a homenagem dessa relação e lua de mel*), os quais evidenciam um recorte semântico, que circunscreve o tópico discursivo *casamento*.

A *concernência* é verificada, portanto, na junção dos enunciados em um conjunto referencial que diz respeito à homenagem que as netas fizeram à Joana, encenando o casamento da avó com o companheiro. A *concernência* entre os enunciados é evidenciada na análise arrolada acima e, assim, destaca-se o quanto ela é um traço importante a fim de identificar os trechos como um segmento tópico. (JUBRAN, 2006d).

Para referir-se ao acontecimento que Joana sumariza como *catarse*, ela investe nos seguintes objetos de discurso, conforme está disposto no decorrer da interação, a partir da linha 60: a homenagem do dessa relação minha e do Luís, coisa interessante, viajar pra Cancun, a lua de mel, ideia dessa guria, coisa assim espontânea, homenagem, uma coisa muito querida. Portanto, a encenação da cerimônia de casamento de Joana e do companheiro é referencialmente estruturada a partir do rótulo a *catarse*. Nessa narrativa, a brincadeira das netas recebe a atribuição de um rótulo prospectivo. (KOCH; ELIAS, 2013).

O marcador discursivo *então*, empregado na linha 51 (o primeiro *então*), demonstra o fechamento do tópico do Excerto 8 – a narração de Joana no que se refere aos acontecimentos do almoço na presença do filho, da nora e das netas no restaurante de *buffet* – e determina o surgimento gradual de um novo tópico – o deslocamento do filho e da nora ao médico, o que acarretou em as netas ficarem em casa com avó e brincarem de simular o casamento dela com o companheiro. Dessa forma, o *então* é enquadrado como um marcador em posição intertópica, o qual indicia a introdução de um novo assunto e, conseqüentemente, esgota outro. Isso vai ao encontro dos estudos de Jubran (2006d), de acordo com os quais, existem marcadores discursivos que funcionam como nexos coesivos porque promovem a articulação de segmentos do discurso. Em outras palavras, “[...] eles [os marcadores] são basicamente sequenciadores e, no que diz respeito à organização tópica do texto

falado, estabelecem aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos, em posições inter ou intratópica”. (JUBRAN, 2006d, p. 112).

Nota-se, pois, que o termo “então” utilizado entre os tópicos discursivos não estabelece uma relação lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado, como comumente ocorre no texto escrito, mas é marcador de mudança tópica e articulador textual-interativo. Esse articulador parece ser utilizado para a sustentação da produção de linguagem, isto é, servindo-se para manter o turno de fala e para assegurar a atenção do ouvinte, evidenciando, assim, as nuances da interação face a face.

Outrossim, tendo em vista que Joana é portadora de uma doença neurodegenerativa, é interessante observar que ela, primorosamente, a partir do segmento 92 do Excerto 9, recupera o que estava sendo narrado na linha 08-12 do Excerto 8, instaurando o fenômeno de *inserção*, que ocorre na situação de divisão (cisão) de um tópico em segmentos descontínuos. (JUBRAN, 2006d). Para Jubran (2006d, p. 101),

A inserção realiza-se basicamente segundo o esquema A B A, em que o tópico A continua a ser desenvolvido após a interpolação do B. Ou seja, o segmento encaixado adquire estatuto tópico, porque instaura outra centração dentro de um tópico que estava em curso, provocando a sua divisão em partes não-contíguas na linearidade discursiva.

De maneira a exemplificar como ocorreu essa inserção, que instaurou um segmento encaixado, explicar-se-á a ocorrência. O tópico (A) é iniciado, no segmento 8, com Joana contando sobre a cuidadora que passa o dia com ela no domingo. Essa narração é suspensa com a entrada de outros subtópicos (B), como a visita do filho, a qual motivou a brincadeira das netas. A reintrodução de (A), que recupera o assunto sobre as cuidadoras (daí então no domingo...eu estava com essa Tereza essa com quem eu fico ã:: ã domingo), é marcada duplamente, aliás, pelo sequenciador textual *daí* e pelo marcador discursivo *então*.

Durante essas interações do pesquisador com a Joana (Excertos 8 e 9), já é possível perceber os movimentos de mudança de tópico, porque há uma profusão deles. Faz-se necessário entender por que estão ocorrendo essas mudanças tópicas anexas à interação. Apesar de o diálogo parecer confuso, em vista das disputas e negociações envolvidas, ele não é; posto que o tópico vai se alternando, é possível averiguar que há uma motivação: Joana pretende abarcar o assunto da morte do

companheiro na finalização do segmento tópico da entrevista, conforme se vê no Excerto 10 a seguir, retirado do *corpus*.

Excerto 10 - O falecimento do companheiro

1	Joana: sempre...sempre sempre sempre...coitadinho...então claro que
2	isso dói né me doeu então aí...fa depois quando...aconteceu...a
3	morte...eu tava aqui né claro aí...e também a gente não estava
4	esperando que que ele fosse face falecer...aí...que que aconteceu...

Nessa direção, evidencia-se que a fala é passível de análise, porque é organizada e não caótica, já que tudo é motivado para produzir sentido na interação, o que vai ao encontro da explanação feita na introdução deste trabalho.

Se existe uma motivação contígua à mudança tópica nas interações da Joana, há uma estratégia de construção textual a ser analisada: a *parentetização*. (JUBRAN, 2006b). Essa atividade de construção textual, a *parentetização*, é uma das principais estratégias de processamento do texto falado. Ela é derivada de um processo constitutivo do texto: a *construção por desativação*, isto é, ação de ruptura na elaboração do texto, como o abandono de segmentos textuais, os parênteses, as hesitações, a inserção de elementos discursivos, entre outras. (JUBRAN, 2006b). Segundo Jubran (2006a, p. 35), “[...] a *parentetização* tem por característica a inserção, no segmento tópico, de informações paralelas ao assunto em relevância naquele momento do texto, promovendo um desvio tópico discursivo no qual se encaixam”.

Assim sendo, nos dados orais da Joana, ocorrem esses procedimentos de construção textual, nos quais são observáveis breves desvios de um tópico discursivo ao outro. (JUBRAN, 2006a). Como acontece, por exemplo, no excerto em que a Joana retoma o assunto das cuidadoras, analisado anteriormente.

Assim, enfatiza-se que os *parênteses* se consolidam como uma “[...] modalidade de inserção”, que não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem. (JUBRAN, 2006b, p. 303). Por isso, as inserções parentéticas executadas por Joana “não podem ser consideradas como desvios descartáveis do texto”, haja vista que promovem avaliações e comentários laterais sobre o que está sendo narrado a respeito do evento comunicativo. (JUBRAN, 2006b, p. 305). A *parentetização*, portanto, vista como “suspensão de um tópico discursivo” ou como “desvio tópico”, não deve gerar uma avaliação negativa no que circunda o âmbito do texto falado, em

razão de ser uma importante estratégia de construção textual que pode produzir sentido na situação de interação. (JUBRAN, 2006b).

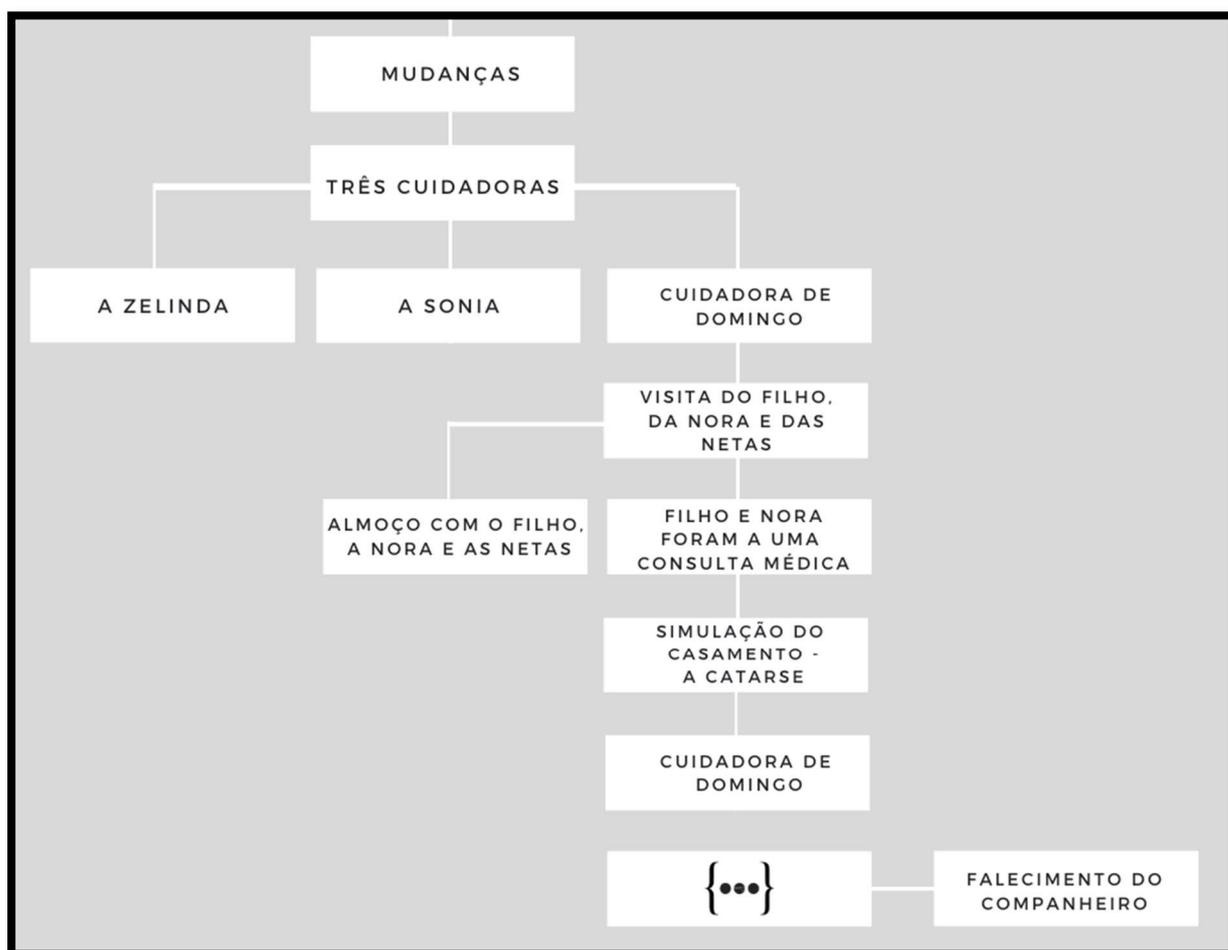
Ao serem examinados os Excertos 8 e 9 da interação de Joana, ficam evidentes as significativas estratégias linguísticas construídas por ela durante uma situação conversacional. Apesar das dificuldades de acesso lexical, a construção referencial efetuada por ela e o movimento tópico revelam os mecanismos interacionais usados para inserir e sustentar um diálogo.

Além disso, é interessante destacar como a Joana faz escolhas textuais e interacionais para dizer o que ela pretende, mesmo com déficit linguístico, pois ela executa estratégias a fim de introduzir novos tópicos à interação. Revela-se, ainda, que a organização das ideias dela estão presentes, mesmo que, às vezes, ocorram problemas de acesso lexical ou de articulação fonético-fonológica.

Após o empreendimento de análise realizado nos Excertos 8, 9 e 10 julga-se fundamental apresentar um quadro tópico, com destino a estabelecer os níveis hierárquicos da organização tópica das narrativas.

A hierarquia na organização tópica se configura a partir de camadas que afunilam a estrutura tópica. (JUBRAN, 2006d). O tópico discursivo, por sua vez, configura-se como uma categoria abstrata, que analisa o texto falado com base em suas propriedades de contração, a qual permite ao analista reconhecer e recortar os segmentos tópicos. (JUBRAN, 2006d). A título de exemplificação, a figura, a seguir, demonstra as relações de interdependência que existem entre os tópicos dos excertos do *corpus* “a visita do filho” e “a catarse”.

Figura 1 – Quadro tópico 1



Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro nível do quadro, está disposto o tópico inicial e/ou central da interação entre os interlocutores, o supertópico (ST), o qual se refere às mudanças das cuidadoras da Joana. A partir desse tópico, outro subtópico (SbT) desenvolve-se e torna-se central na ação comunicativa – a visita do filho, da nora e das netas de Joana. O SbT referente à visita abre a perspectiva de um desenvolvimento tópico bifurcado, pois coloca em cena dois novos subtópicos: o almoço e a saída do filho e da nora de Joana ao médico. Após, por meio da abertura de outro SbT, torna-se central a homenagem das netas, rotulada como “catarse”. Posteriormente, há uma descontinuidade tópica, em que há uma perturbação da sequencialidade linear, haja vista que a participante encaixa um segmento tópico interpolado – o retorno ao assunto das cuidadoras. Por fim, no quadro tópico, é apresentado o último tópico discursivo desenvolvido no final do dado da entrevista, a morte do companheiro de Joana.

O processo em que subtópicos *se tornam centrais*, ou melhor, configuram-se como supertópicos conforme o encaminhamento da interação, é uma condição especificada por Jubran (2006d, p. 96):

[...] subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente, de modo que um SbT de um ST superior a ele passa a ser um ST em relação aos tópicos que interagem (SbTs), constituindo, com eles, um QT [quadro tópico] de nível inferior na hierarquia tópica.

Sendo assim, o quadro tópico adere uma noção abstrata de hierarquia, visto que o tópico central é determinado pelo nível hierárquico de acordo com o qual estiver sendo observado. (JUBRAN, 2006d). Em decorrência, o tópico “a visita do filho” como supertópico, ou “a catarse” como subtópico é relacional e dependerá do nível hierárquico a ser considerado.

A organização sequencial dos tópicos, consoante descrição no referencial teórico acerca do tópico discursivo, manifesta-se por intermédio de estratégias de construção textual, que podem definir como o tópico é introduzido, mantido ou alterado no discurso. (JUBRAN, 2006d). Assim sendo, outra das estratégias de construção textual encontrada nos dados diz respeito à *paráfrase*, fenômeno discorrido nos estudos de Jubran (2006d). No Excerto 11 seguinte, a partir do segmento 19, é possível perceber a estratégia linguística de Joana, por meio da interposição de um marcador discursivo parafrástico, que sinaliza o fim de um tópico. (JUBRAN, 2006d).

Excerto 11 – Exemplo de paráfrase

1	Joana: e aí daí e aí mas aí disse pra Solange pra pra Carla ai
2	Carla eu acho que eu não posso ir lá pra tua casa mas por quê? Mas
3	eu não tenho mais dinheiro (risos) porque eu comprei tu te lembra
4	que nós estávamos com pouco dinheiro
5	Pesquisador: uhum
6	Joana: e aí eu disse assim nós é aca é fim de mês e a gente tem a:
7	a nossa nós precisamos comprar coisas no na mer mer não eles não
8	estavam aceitado não aceitavam o:: cartão ela tinha
9	Pesquisador: [tinha que ter dinheiro em espécie
10	Joana: tinha que ser em espécie...entendeu? e aí a: mas não te
11	preocupa ela me deu seis reais e eu e a e a:: Ires tinha me dito
12	não pode pegar nem um dinheirinho do Luís da da:: família do Luís
13	porque o:: Alex não quer aí eu disse ai meu deus como que eu vou
14	fazer? tu entende? tudo foi uma coisa assim uma coisa de

15 Pesquisador: tudo aconteceu
 16 Joana: tudo aconteceu...tudo aconteceu...a::i meu Deus...e aí depo
 17 mas graças a Deus **quer dizer** depois eles se entenderam **mas agora**
 18 eu estou assim eu estou querendo mandar fotos que são que eu...eu
 19 a filha do Luís que eu te disse que ela ficou toda bê godê quando
 20 ela viu que não tinha nada mas eu disse está tudo aqui e nós já
 21 mandamos.

Nessa interação, nos segmentos tópicos 1-17, Joana conta ao pesquisador sobre alguns acontecimentos do dia do falecimento de seu companheiro, que morava no Rio de Janeiro, nomeado ficticiamente como “Luís”. Joana estava na referida cidade para participar da cerimônia de despedida do companheiro, acompanhada por uma de suas cuidadoras, a Ires. Ela precisava, naquele momento da cena enunciativa, ir ao mercado fazer compras, mas, imprevisivelmente, o estabelecimento não aceitou o seu cartão de crédito. Joana, estando sem dinheiro em espécie, não queria aceitar nenhuma quantia da família de Luís, porque o filho dela deixara claro à cuidadora Ires que não gostaria que ela recebesse dinheiro dos familiares (a:: Ires tinha me dito não pode pegar nem um dinheirinho do Luís da da:: família do Luís porque o:: Alex não quer aí eu disse ai meu deus como que eu vou fazer? tu entende? tudo foi uma coisa assim uma coisa de... [...] tudo aconteceu...tudo aconteceu...a::i meu deus...e aí depo mas graças a deus). Joana exprime, ademais, sua preocupação quanto ao fato de Alex poder desentender-se com a cuidadora, já que elas não cumpriram as orientações dele, mas graças a Deus, conforme narra a participante, não houve conflitos. Encerrando o tópico, Joana faz uma paráfrase resumitiva dessa passagem (quer dizer depois eles se entenderam), mediante o emprego do marcador discursivo parafrástico “quer dizer”, estabelecendo um grau de generalização em relação ao enunciado anterior. O teor da síntese generalizante marca o término de assunto, uma vez que Joana, na sequência, introduz um novo tópico discursivo, que diz respeito a um envio de fotos: mas agora eu estou assim eu estou querendo mandar fotos que são que eu...eu a filha do Luís que eu te disse.

Essa análise vai ao encontro da definição de *paráfrase*, que, na organização sequencial dos tópicos, indica uma mudança tópica, proposta por Jubran (2006d): “As

paráfrases, enunciados que reformulam um anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica, têm, entre outras, a função de sinalizar o fim de um tópico, de modo geralmente resumido, indicando a completude do tópico”. (JUBRAN, 2006d, p. 114, grifo do autor).

Ainda no que concerne ao Excerto 11, em se tratando de mudança tópica, revela-se outra estratégia de construção textual da participante acometida pela ACP, além da paráfrase: o emprego, na linha 17, dos marcadores discursivos *mas agora*, que aparecem em ocorrência conjunta, os quais explicitam o encerramento do tópico anterior e assinalam claramente o movimento de um novo tópico: o envio de fotos.

Dada a significativa recorrência de mudança tópica, por meio do emprego do marcador discursivo “então”, selecionou-se, também, o Excerto 12, no qual Joana conta à pesquisadora que estudou no colégio Bom Retiro (nome fictício). A atuação dos operadores textuais como veículos preparadores do fechamento tópico poderá ser vista nos fragmentos abaixo.

Excerto 12 – Escola Bom Retiro

1	Joana: foi assim comecei ã:: ...com o no ã no pru no gru no ã
2	colégio Bom Retiro
3	Pesquisadora: tá
4	Joana: que eu estudei quando criança tá?
5	Pesquisadora: [tá
6	Joana: foi meu ... primeiro ginásio tã tã tã até eu fui pra
7	faculdade
8	Pesquisadora: aham
9	Joana: né aí: eu: ...fiquei trabalhando ã: estudei lá né me formei
10	formei tudo tudo aí terminei e ...fiquei ... trabalhando ... depois
11	lá durante dize dezesseis anos... e de professora de inglês
12	Pesquisadora: tá
13	Joana: né ... e:: daí eu ã:: então ã: eu perdi perdi não é não é
14	assim eu me saparei saparei se-pa--rei
15	Pesquisadora: aham
16	Joana: entendeu? isso também é uma é uma coisa ruim triste e tal
17	okay que: a mexeu mui mexeu muito com a minha vida
18	Pesquisadora: tá
19	Joana: né mas depois aí aí eu disse assim vou estudar vou trabalhar
20	vou me virar vou viar vo ir viajar vou fazer coisas
21	Pesquisadora: que legal

22 Joana: e **aí então** depois do Bom Retiro que eu fiquei trabalhando ã
 23 também trabalhe aí nesse meio tempo eu fu eu trabalhei no
 24 estado...colégio ã: Piraji Piraniti Pirati
 25 Pesquisadora: [Piratini
 26 Joana: isso ali ã: pertinho da: né porque...ã::...no no Bom Retiro
 27 so::be né
 28 Pesquisadora: uhum
 29 Joana: depois a a mi a minha família morava na praça Júlio bem ali
 30 na esquina sabe quando tu vai tu pa
 31 Pesquisadora: [ah::
 32 Joana: te tem eu não sei de tu sabe conhece o:: ... **pera aí um**
 33 **pouquinho ã:: ... às vezes eu tenho que demorar**
 34 Pesquisadora: [tranquilo
 35 Joana: né **então** assim ã: no colégio: Bom Retiro tinha ...tinha
 36 ((pausa longa)) a:: tá o que eu te disse ã ã eu estudei lá e e e
 37 e:: depois eu trabalhei lá né
 38 Pesquisadora: Uhum

Nos segmentos 1-11 desse excerto, Joana narra à pesquisadora o fato de ela ter feito o primário no Bom Retiro, onde ela também se graduou e, inclusive, trabalhou, como professora de língua inglesa, por dezessete anos.

No segmento 13, por intermédio do uso de *então*, Joana muda de tópico, porque introduz o assunto sobre a sua separação matrimonial (*então ã: eu perdi perdi não é não é assim eu me saparei saparei se-pa--rei*).

No trecho 19, após a pesquisadora concordar (*tá*), Joana insere um trio de marcadores discursivos basicamente sequenciadores (*mas depois aí*), no intuito de adicionar uma porção de informação nova ao tópico discursivo em curso – a separação conjugal. (RISSO, 2006). Sendo assim, ela profere a forma como ela agiu após a separação: *eu disse assim vou estudar vou trabalhar vou me virar vou viar vo ir viajar vou fazer coisas*. O marcador “mas”, especificamente, segundo Urbano (2006, p. 515), tem “[...] caráter bidirecional, pela [sua] atuação retrospectiva e prospectiva no texto”. Conquanto, o *mas*, nesse caso do excerto exemplificado, é de natureza prospectiva, dado que adiciona informações novas (o querer aproveitar mais a vida) ao tópico que já fora estipulado (a separação matrimonial).

Novamente, a partir da linha 22, Joana instaura um novo tópico, a revelação de que começou a trabalhar na escola Piratini após a separação conjugal, mediante a inserção de *aí então*, termos que estão funcionando como marcadores lexicais de organização tópica, haja vista que explicitam o encaminhamento de um novo tópico.

No segmento 32, é interessante destacar que a participante pede uma pausa à pesquisadora durante a interação, devida às circunstâncias da própria doença: *para aí um pouquinho ã:: ... às vezes eu tenho que demorar*. Esse intervalo, para Jubran (2006b), embora estabeleça um *parêntese*, não tem essencialmente estatuto tópico, uma vez que diz respeito a uma menor extensão textual. Em outros termos, a solicitação de pausa da participante “[...] provoca uma breve suspensão do tópico no qual se encaixa, de modo que não ocorre a cisão desse tópico em porções textuais nitidamente separáveis, porque a sua interrupção é momentânea e a sua retomada é imediata”. (JUBRAN, 2006b, p. 302). No entanto, a inserção de *então*, na linha 35, marca discursivamente a reintrodução do tópico discursivo anterior ao parêntese – sobre a escola Bom Retiro –, o que vai ao encontro de Risso (2006, p. 460, grifo do autor), para o qual “Um aspecto muito característico do *então*, na estrutura ideacional do discurso, é o que envolve o seu emprego em processos de retomada de tópico após a inserção de *parênteses*”.

Mediante o exposto, por certo, utilizou-se o Excerto 12 a fim de problematizar o quão recorrente é o uso de marcadores discursivos – ou, senão, articuladores textuais-interativos – na produção de fala de Joana. Por isso, acresce-se que o “então” pode ser visto como “[...] elemento de expressão da dinâmica interacional”. (RISSO, 2006, p. 464). Posto isso, verifica-se, ademais, a atuação dos marcadores discursivos investigados como orientadores da “interação no jogo de turnos”, visto que, em todos os casos analisados, eles são empregados, além da motivação de mudança tópica, para Joana recuperar os seus turnos de fala. (URBANO, 2006).

Abaixo, apresenta-se o quadro tópico do Excerto 12, que revela que o tópico principal – supertópico (ST) – é o assunto sobre a escola Bom Retiro, onde Joana concluiu o ensino básico, a graduação e também trabalhou como professora de língua inglesa. Esse ST desmembra-se em subtópicos (SbT’s): “Joana separou-se do marido”, “a vontade de aproveitar mais a vida após a separação”, “começou a trabalhar na escola Piratini”, “a solicitação de pausa” e o retorno ao assunto do Bom Retiro. Essa subdivisão em SbT’s ocorre haja vista que mais assuntos, temas ou centrações

são desenvolvidos na narrativa. Quer dizer, o tópico principal da escola Bom Retiro que compõe a narrativa de Joana não se apresenta de uma única vez à pesquisadora, mas vai sendo compreendido no conjunto de partes integrantes de um todo que faz sentido. Essas partes inseridas no tópico central ocasionam um desvio tópico discursivo que, naquele momento da interação, são relevantes, porque acrescentam informações novas ao assunto principal e, dessa forma, constituem-se como uma estratégia motivada a produzir sentido na situação de interação.

Figura 2 – Quadro Tópico 2



Fonte: Elaborado pela autora.

Observada a organização tópica do Excerto 12, importa elucidar que a progressão referencial estabelecida nessa interação foi determinante para poder identificar e definir os segmentos tópicos existentes, de forma a produzir o quadro tópico. Em suma, a propriedade de *centração* é o que permite a delimitação do tópico, alicerçada nas relações semânticas entre os objetos de discurso mais relevantes e pontuais da narrativa. (JUBRAN, 2006d; MARCUSCHI, 2006). A título de

esclarecimento, os referentes colégio Bom Retiro, primeiro ginásio, faculdade e professora de inglês, dispostos na materialidade do texto, delineiam o tópico “Joana estudou e trabalhou no Bom Retiro”, porque apresentam entre si uma semelhança temática. Pelo exposto, é evidente, portanto, que “[...] o tópico é definido pela relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos de referência. Ou seja, são as expressões referenciais que configuram o tópico no texto/discurso”. (PINHEIRO, 2012, p. 802).

Ao ser analisado o *corpus* desta pesquisa, percebe-se que, constantemente, há pausas no tópico discursivo em curso, nos quais Joana convoca o interlocutor para auxiliá-la, seja para encontrarem a palavra adequada a fim de dar sequência ao seu turno, ou seja para resolverem problemas de aspectos linguísticos fonético-fonológicos, em que Joana solicita auxílio do interlocutor para corrigir sua pronúncia ou sua articulação. Essa situação reflete a mesma encontrada no sucessor excerto, em que Joana acrescenta um parêntese no seu discurso que desvia a centração tópica.

Excerto 13 - Modelo de correção

232	Joana: entende? Então lá eu estudei ã estudei não eu trabalhei
233	entende? Aí eu vi que assim a dona Elisandra foi:: uma pessoa
234	muito bacana porque ela era além de ser a: a: a do assim a pessoa
235	que ã:: ã:: conhecimentos de coi de:: da: ... como é que eu vou
236	dizer? Ela era be:m ã atenta a tudo então ela ela tinha também
237	dinhe:iro de casa
238	Pesquisadora: uhum
239	Joana: né assim sabe aquela pessoa be benenérica benemérica?
240	Pesquisadora: sim
241	Joana: é assim? Tá certo?
242	Pesquisadora: é tá certo
243	Joana: né então... aí e essas pes tanto a dona Elisandra dona
244	Marisa... né elas trabalharam no Piratini e eu fiquei
245	trabalhando na época
246	Pesquisadora: [ah::

Em face do Excerto 13, percebeu-se que, assim como em outros exemplos apresentados nesta dissertação, Joana insere um parêntese, em sua narrativa, a fim de buscar a designação “correta” para “benemérita”. A dificuldade em denominar a

palavra-alvo é percebida por meio da pergunta Como é que eu vou dizer?, introdutora do parêntese, a qual materializa linguisticamente a interação com a pesquisadora, chamando-a para colaborar na seleção lexical. (JUBRAN, 2006b).

Joana, a partir da linha 233, emprega objetos de discurso para qualificar a dona Elisandra, os quais, inclusive, já se associam à palavra-alvo “benemérita”. Em suma, no caso, observa-se que Joana utiliza uma estratégia, em que a cadeia referencial designada pelas descrições *pessoa muito bacana, pessoa que* ã:: ã:: conhecimentos de coi de:: da, be:m ã atenta a tudo e ela tinha também dinhe:iro de casa foi produzida de maneira vaga. No entanto, anaforicamente, ao rebatizar os objetos de discurso anteriores lexicalmente, rotulando-os como “pessoa benemérita”, Joana indica em que consiste verdadeiramente a palavra-alvo.

Assim, após proferir expressões que se associam à denominação pretendida, Joana verbaliza *né assim sabe aquela pessoa be benenérica benemérica?*, o que acaba clareando a designação pretendida por ela. Contudo, apesar de ter alcançado a palavra-alvo, esta apresenta prejuízo quando produzida e, para confirmar a adequação, Joana faz outra pergunta, que é finalizadora do parêntese: *É assim? Tá certo?*.

Por mais que não há grande movimento de colaboração por parte do interlocutor no Excerto 13, uma vez que Joana consegue designar sozinha o termo almejado, há a confirmação da pesquisadora quanto à adequação da palavra (*é tá certo*), fato que corrobora o mecanismo de *correção*, proposto por Fávero, Andrade e Aquino (2006). Conforme Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 273):

[...] as correções correspondem a um processo altamente interativo e colaborativo. Colocam-se como um dispositivo dinâmico, em potencial da língua falada; entretanto, é possível deixar passar um evento sem que se corrija o interlocutor. As razões da não efetivação de heterocorreções podem ser várias, destacando-se entre elas, a tentativa de preservação da face do outro. Caso ocorram, o grau de monitoração da correção varia de acordo com a situação comunicativa e fatores pessoais.

Em vista da solicitação de colaboração de Joana, a qual dispõe a sua fala para ser reparada, por ciência da própria dificuldade de linguagem, há que se considerar que a pesquisadora não corrigiu *be benenérica benemérica* na intenção de não constranger a participante, devido à situação comunicativa na qual há

comprometimento de linguagem. Por fim, na linha 243, a participante acometida pela ACP reintroduz o tópico discursivo anterior à parentetização, com a inserção do marcador discursivo *então*.

Na relação face a face, principalmente no processo interativo entre a participante Joana e os pesquisadores, ocorre uma expressiva ação conjunta. A referenciação, definida como atividade de construção colaborativa entre os interlocutores, pode ser concebida por um vasto conjunto de conhecimentos compartilhados. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Para demonstrar como isso se realiza, selecionou-se o Excerto 14.

Excerto 14 – Primeira presidente

442 Joana: então foi assim mu:ito interessante assim bah aí começamos
 443 essas os os os encontros de e criamos as esc as as associações eu
 444 fiquei como a: primeira profes a prime:ira ... ã: primeira:: ...
 445 as ((pausa longa)) pro ... as... aí como é que eu vou dizer? Apiers
 446 associações de professores de inglês de inglês tá?
 447 Pesquisadora: uhum
 448 Joana: eu era a:: eu era a a pri prime como é que eu vou dizê?
 449 Pesquisadora: primeira?
 450 Joana: não era eu era a era a primeira eu era a princi a im assim
 451 a mandona entende? Como é que eu vou te dizer?
 452 Pesquisadora: [presidente
 453 Joana: a presidente era a primeira presidente
 454 Pesquisadora: que legal

A eminente dificuldade de Joana em encontrar a designação adequada para dar sequência ao seu turno é confirmada pelo expressivo emprego de *Como é que eu vou dizer?*, especificamente nos trechos 445, 448 e 451 do excerto. Logo, a partir da linha 445, constata-se que haverá uma perturbação no andamento da conversa, porque se entende que os interactantes almejam resolver os problemas que podem desfavorecer a progressão tópica e, para tal, podem suspender o fluxo das suas ações a fim de solucioná-los. (LODER, 2008).

Ciente da anomia, a participante vale-se de estratégias que convidam a pesquisadora a construir sentido na narrativa. No segmento 444, Joana materializa o problema de encontrar a palavra adequada, para dar continuação ao seu turno de fala, por meio de hesitações (*a a pri prime*), alongamento vocálico (*primeira::*) e

pausa longa (ã: primeira:: ... as ((pausa longa)) pro). (JUBRAN, 2006b).

Na tentativa de colaborar ativamente na interação e de auxiliar Joana na construção de sentido, leia-se constituição de objeto de discurso, a partir da linha 449, a pesquisadora pergunta à Joana *primeira?*, de modo a sugerir um referente adequado. De imediato, nesse exemplo, a denominação do objeto é negada por Joana, indicada como sendo inadequada naquela cena enunciativa, ao ela responder *não*. A começar do segmento 450, já que sua interlocutora não conseguiu especificar o termo alvo *primeira presidente*, Joana continua, estrategicamente, por meio de anáforas indiretas que se associam ao termo (*a primeira eu era a principal assim a mandona entende?*), recuperando o referente *Apies associações de professores de inglês de inglês*, introduzido na linha 443, isto é, já presente no co-texto. Finalmente, no segmento 452, a pesquisadora sugere um objeto de discurso, em virtude da existência de associação com os referentes *principal e mandona*. De outro modo, a pesquisadora infere, por meio de um *frame* cognitivo ou de conhecimento enciclopédico, o encapsulamento dos objetos de discurso introduzidos no co-texto – *é presidente*. (KOCH, 2008b; MARCUSCHI, 2006). O encapsulamento é responsável por sumarizar partes anteriores do discurso pela ativação ancorada, o qual consiste em “[...] selecionar uma porção de discurso de extensão variada e construir com base nessa porção um novo objeto de discurso”. (PINHEIRO, 2012, p. 796).

Portanto, a construção referencial desse excerto nada mais é do que o resultado da ação colaborativa entre as participantes, que realizam a movimentação dinâmica e cooperativa dos turnos. Isso quer dizer que “[...] os referentes [...] se estabelecem a partir de negociações que se configuram na interação. Por isso, [...] o processo de referenciação é dinâmico”, assim como o tópico discursivo. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 37; JUBRAN, 2006d).

Enfim, neste capítulo, em que foram analisados excertos de uma pessoa portadora de ACP, à luz das categorias de análise referenciação e tópico discursivo, verificou-se que há constantes processos de sequenciação, expansão, mudança e retomada de tópico. Esses gerenciamentos de tópico da Joana não são arbitrários ou incoerentes, haja vista que são engenhosamente motivados, na direção de incorporar sentido ao seu texto oral.

Além disso, os processos de referenciação constituídos pela participante designam uma construção sociocognitivo-discursiva de objetos discursivos estabelecidos mediante processos de negociação. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Percebe-se, primordialmente, que os objetos de discurso são modificados, desativados e reativados, de maneira a construir sentido no decorrer da progressão textual, e que as anáforas, por sua vez, exercem um importante papel discursivo, seja direta ou indiretamente, porque promovem a continuidade referencial do texto; e, portanto, garantem a possibilidade de compreensão entre os interlocutores. (KOCH, 2008b).

O que é necessário ressaltar, finalmente, é a intensa ação conjunta de linguagem entre a participante e os pesquisadores, os quais lançam mão de recursos referenciais que contribuem para a construção de objetos de discurso. É válido ressaltar, ademais, que a análise de alguns excertos aponta a relação entre objetos de discurso e tópico discursivo.

Por fim, na seção subsequente, será refletido acerca das descobertas e percepções propiciadas por intermédio da produção deste trabalho, em harmonia com as características da ACP, bem como com as categorias de análise selecionadas para o arcabouço teórico, a referenciação e o tópico discursivo. Para tanto, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa com destino a estabelecer uma reflexão a respeito das contribuições deste estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar o movimento tópico, bem como o processo referencial, postos em prática por uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior. Para isso, descreveu-se essa patologia, um subtipo da Doença de Alzheimer, de modo a possibilitar o conhecimento das características que abarcam o processo dessa doença, a fim de demarcar o contexto de interação que envolve esta investigação. Ademais, foi apresentada a revisão teórica que compõe a análise do *corpus* do trabalho, explicitando duas categorias relativas à análise textual-discursiva, as noções acerca do tópico discursivo e da referenciação, as quais, conforme constatado, estão intrinsecamente relacionadas ao âmbito das propostas analítico-descritivas em Linguística Textual de tendência sociocognitivo interacional.

Diante do questionamento inicial, o qual visa a verificar quais são as estratégias referenciais movimentadas por uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior e como ocorre, concomitantemente, o movimento de tópico discursivo em suas narrativas orais, revela-se que foi possível respondê-lo de maneira mais satisfatória.

Partindo-se do pressuposto de que a linguagem não é só uma atividade verbal, mas também social, percebe-se que a participante utiliza sua competência tanto linguística quanto comunicativa, em uma situação real de interação, por meio de estratégias referenciais em ação conjunta com o seu interlocutor, a fim de construir sentido na sua narrativa. Em relação à significativa colaboração mútua entre os interagentes desta pesquisa revelada no *corpus*, convém salientar o imprescindível papel de o interlocutor, na interação, colaborar com a pessoa acometida por doença neurodegenerativa, no sentido de garantir o papel ativo desses indivíduos. Sendo assim, deve-se estimular o portador de doença neurodegenerativa a negociar os objetos de discurso.

Além disso, diante do monitoramento da própria fala e da constante ação de Joana disponibilizar o seu texto oral para ser reparado pelo interlocutor, o que corrobora a sua dificuldade linguística, mediante expressões como “está certo o que eu disse?”, pode-se refletir acerca da convivência com esse contexto de doença, em que a linguagem está comprometida, no sentido de indagar qual papel o cuidador ou a família têm a fim de garantir a qualidade de vida desses indivíduos. Por meio dos dados analisados no decorrer desta dissertação, evidenciou-se claramente que o interlocutor, a pessoa com a qual o portador de doença convive, deve ter paciência

nessas circunstâncias, concedendo um turno maior de fala ao outro, por exemplo. Nota-se que essas reflexões se inserem em uma perspectiva mais sociológica, e não puramente linguística, porém quando há o envolvimento de um ser humano em uma pesquisa, principalmente nesse contexto de interação, são necessárias essas considerações. E relembra-se que, sobretudo, conjecturou-se este estudo com respaldo no modelo biossocial, discutido por Cruz (2008), por meio do qual é possível produzir significados nas práticas cotidianas que circunscrevem a doença, com ênfase nos processos sócioneurodegenerativos.

Após a execução das análises, verificou-se que há constantes processos de sequenciação, expansão, mudança e retomada de tópico nas interações da Joana. A participante cria estratégias para gerenciar os tópicos, com a inserção de marcadores discursivos, parentetizações e, até mesmo, com a utilização de paráfrase, apesar de apresentar disfunções na linguagem.

Impressionantemente, verificam-se significativas ocorrências de parentetização no *corpus*, em que ocorrem breves desvios tópicos, que não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorre. Quer dizer, os parênteses instituídos nas narrativas de Joana não são arbitrários, visto que são motivados, com vistas a construir sentido ao seu texto oral. Percebe-se, pois, que é instaurada uma coerência conversacional no texto de Joana. A partir das análises da organização tópica, é possível perceber a produção e a interpretação de um discurso significativo e coerente.

Os dados da participante apresentam exemplos que retratam a organização do texto falado. Apesar dos déficits de linguagem, as estratégias estão presentes na interação de Joana, ainda que de uma maneira diferenciada (frequentes parentetizações que interrompem o tópico em andamento por causa da dificuldade de acesso lexical, ocorrência de pausas longas e grande incidência de movimentos de colaboração entre os interlocutores, entre outros).

Além disso, constatou-se que o movimento referencial dos objetos de discurso se relaciona ao modo de distribuição dos tópicos na linearidade do texto. Através da análise de alguns excertos, foi possível observar o processo passo a passo por intermédio do qual os objetos de discurso se transformam em tópico. Os processos referenciais anafóricos agrupam expressões referenciais de um segmento textual, em um grupo específico de objetos discursivos, que circunscrevem o tópico discursivo desse segmento em um certo ponto do texto. Os mesmos processos aglomeram todos

os conjuntos específicos de objeto de discurso em um único tópico central, que garante o sentido macrotextual e a coerência global. Por fim, pensa-se que foi possível explicitar a relação entre a questão referencial e a questão tópica, mediante os excertos esboçados nas análises desenvolvidas nesta pesquisa, de forma a tentar enriquecer a discussão de duas importantes categorias nos estudos linguísticos sobre o texto. Apurou-se como relevante, por conseguinte, a percepção em aproximar a problemática da referenciação à constituição tópica, de forma a investigar essa sistematização em um *corpus* de linguagem comprometida por neurodegenerescência.

Por meio dos excertos selecionados para este estudo, com base no arcabouço teórico que sustentou a análise dos dados, além da descrição do contexto relacionado à doença, foi possível observar a performance linguística da participante. Por conseguinte, importa salientar que tal produção de linguagem não se distingue muito em comparação a de uma pessoa fora do contexto patológico de déficits que incidem sobre a linguagem e a cognição. Isso porque os dados envolvem, naturalmente, a hesitação, a negociação e a construção de referentes – ações que qualquer falante executa na sua produção de fala. Todavia, conforme já explicitado, há algumas especificidades no cenário analisado, especialmente no que tange à ocorrência de parentetizações, por meio das quais Joana convoca o interlocutor para auxiliá-la na constituição do objeto de discurso ou para confirmar a adequação da inserção dos seus lexemas na narração.

Com o intuito de não apenas descrever as categorias linguísticas passíveis de análise, ou de descrever o quadro de perdas linguísticas e cognitivas provocados pela ACP, observou-se, por intermédio dos dados da Joana, o que ela consegue fazer com o uso da linguagem, e as estratégias referenciais e de gerenciamento de tópicos foram, de forma admirável, evidenciadas. Quer dizer, Joana consegue estabelecer, para superar tal dificuldade, habilidosas produções linguísticas, em que a cena enunciativa estabelece relação antonímica ou sinonímica entre os objetos de discurso presentes no co-texto e o objeto de discurso a ser designado. Assim, presenciam-se os conhecimentos de mundo de Joana sendo partilhados e dispostos na interação com o seu interlocutor, em um processo de coconstrução do referente. E isso é impressionante no que concerne à desconstrução do estigma social que abarca a demência. É interessante, portanto, reparar como a Joana faz escolhas textuais e interacionais para contar o que ela pretende, mesmo com déficit na linguagem.

A realização deste trabalho propicia uma reflexão acerca dos desafios enfrentados no decurso da doença, tendo em vista os artifícios compensatórios utilizados pela Joana para conseguir se comunicar. Outrossim, também é possível refletir sobre a forma como a linguagem e a cognição se condizem na interação.

Em vista dessas constatações, percebe-se a importante atribuição social da Linguística Aplicada no que se refere à reflexão acerca do papel ativo que as pessoas com essa enfermidade podem desempenhar. Exemplifica-se, portanto, a ampla atuação da LA, haja vista que o contexto da pesquisa é referente à Atrofia Cortical Posterior e, por essa razão, consegue-se aliar a Linguística a uma expansão da área da saúde, porque os dados são de uma pessoa acometida por essa patologia, de forma que é observado como se dá a linguagem nesse contexto de interação específico. Além do mais, o empreendimento desta pesquisa, no âmbito da Linguística Aplicada, pretende lidar com uma lacuna bastante importante, qual seja, a ausência de estudos que abarquem a linguagem em uso com pessoas acometidas pela ACP. Logo, a aplicabilidade da LA é uma ferramenta de transformação social e, por isso, um dos compromissos centrais nesse campo é a questão da relação entre linguagem e sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Kazue Saito M. de. Linguística Textual e Análise da Conversação. *In*: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações**. São Paulo: Cortez, 2017. cap. 10, p. 302-334.
- BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges Maria. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 1, 2013.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://bit.ly/2YMOyM3>. Acesso em: 25 maio 2019.
- BURLÁ, Claudia *et al.* Panorama prospectivo das demências no Brasil: um enfoque demográfico. **Ciência e Saúde Coletiva**, Porto, v. 18, n. 10, p. 2949-2956, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/35m5tHY>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- CAPRILE, C. *et al.* Atrofia Cortical Posterior. Perfil neuropsicológico y diferencias com la enfermedad de Alzheimer típica. **Revista de Neurología**, [s. l.], v. 48, n. 4, p. 178-182, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2LEf8Su>. Acesso em: 10 maio 2019.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990. v. 1: A ordem.
- HAMDAN, Amer Cavalheiro; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Relações entre controle executivo e memória episódica verbal no comprometimento cognitivo leve e na demência tipo Alzheimer. **Estudos de Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 63-71, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/36a6A00>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referência e ensino**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In*: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinariedade**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. cap. 2, p. 129-142.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007.
- CRUTCH, S. J. *et al.* The language profile of Posterior Cortical Atrophy. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, [s. l.], v. 84, n. 4, p. 460-466, abr. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/353VxTd>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CRUZ, Fernanda Miranda da. **Linguagem, interação e cognição na Doença de Alzheimer**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2EhU14e>. Acesso em: 10 maio 2019.

CRUZ, Marília da Nova; HAMDAN, Amer Cavalheiro. O impacto da Doença de Alzheimer no cuidador. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 223-229, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2Pk1qpQ>. Acesso em: 10 mar. 2018.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Correção. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. cap. 7, p. 255-274.

FEIDEN, Juliana Andrade. **O acesso lexical na afasia: anomia, parafasia e estratégias comunicativas na produção oral**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2P7QrQc>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FROTA, N. A. F. *et al.* Critérios para o diagnóstico de doença de Alzheimer. **Dement Neuropsychol**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 5-10, jun. 2011. Disponível em: <http://bit.ly/2RO8pct>. Acesso em: 15 mar. 2018.

GOODGLASS, H.; WINGFIEL, A. Word-finding deficits in aphasia: brain-behavior relations and clinical symptomatology. *In*: GOODGLASS, H.; WINGFIEL, A. (ed.). **Anomia: neuroanatomical and cognitive correlates**. Waltham: Academic Press, 1997. cap. 1, p. 450-505.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi *et al.* Organização tópica da conversação. *In*: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora UNICAMP, 1992. p. 357-439.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Introdução. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006a. p. 27-39.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parentetização. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006b. cap. 9, p. 301-357.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006c. Disponível em: <http://bit.ly/2PIgS5e>. Acesso em: 20 nov. 2018.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Tópico discursivo. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006d. cap. 3, p. 89-132.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. *In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). Gramática do português falado.* Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 201-213, jan./jun. 2008a. Disponível em: <http://bit.ly/2tiW0TF>. Acesso em: 19 nov. 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. **Investigações**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008b. Disponível em: <http://bit.ly/2PLaljd>. Acesso em: 04 nov. 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual:** Trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística Textual: retrospecto e perspectivas. **Alfa**, São Paulo, v. 41, p. 67-78, 1997. Disponível em: <http://bit.ly/2t9ZzLJ>. Acesso em: 10 out. 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos.* São Paulo: Cortez, 2004. cap. 7, p. 251-300.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; PENNA, Maria Angélica de Oliveira. **Construção de objetos-de-discurso:** manutenção tópica e progressão textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 23-31, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2snbiGC>. Acesso em: 14 maio 2019.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LODER, Letícia Ludwig. Noções fundamentais: a organização de reparo. *In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (org.). Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica.* Campinas: Mercado das Letras, 2008. cap. 4, p. 95-126.

LUZARDO, Adriana Remião; GORINI, Maria Isabel Pinto Coelho; SILVA, Ana Paula Scheffer Schell da Silva. Características de idosos com Doença de Alzheimer e seus cuidadores: uma série de casos em um serviço de neurogeriatria. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 587-594, out./ dez. 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2LUwKcS>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação.** São Paulo: Ática, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de Referência na Interação Face a Face. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 41, p. 37-54, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://bit.ly/2qPmafO>. Acesso em: maio 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Referência e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2YMsp0x>. Acesso em: 14 fev. 2018.

MIRA, Caio César Costa Ribeiro. A construção de objetos de discurso nas práticas conversacionais de um grupo de convivência de afásicos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1131-1146, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/36iBXCy>. Acesso em: 19 dez. 2018.

MIRA, Caio César Costa Ribeiro. A manipulação do tópico discursivo por sujeitos afásicos em situações conversacionais. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 152-172, fev. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/38C25dT>. Acesso em: 14 jan. 2019.

MIRA, Caio César Costa Ribeiro. **Afasia e interação**: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2Pjq0Hq>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir**: approche linguistique de la construction des objets de discours. Thèse: Lettres, 1994.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referênciação**. São Paulo: Contexto, 2003. cap. 1. p. 17-52.

MORATO, Edwiges Maria. Das relações entre linguagem, cognição e interação: algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 575-590, set./dez. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/36wZ4Ka>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NASCIMENTO, Simone Maria Barbosa Nery. O tópico discursivo: uma perspectiva de organização textual interativa na análise da conversação. **Revista Temporis(ação)**, Goiás, v. 12, n. 1, p. 93 -111, jan./dez. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2LUNocc>. Acesso em: 10 out. 2018.

NITRINI, R. *et al.* Diagnóstico de doença de Alzheimer no Brasil: critérios diagnósticos e exames complementares. Recomendações do Departamento Científico de Neurologia Cognitiva e do Envelhecimento da Academia Brasileira de

Neurologia. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, São Paulo, v. 63, n. 7, p. 713-719, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/38CZeBK>. Acesso em: 12 mar. 2018.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. **Estratégias textuais-interativas**: a articulação tópica. Maceió: EDUFAL, 2005.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, 43-52, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/34jcvMf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 793-812, set./dez. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/38zyG45>. Acesso em: 04 mar. 2019.

PONTE, João Pedro. Estudos de caso em educação matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, ano 19, n. 25, p. 1-22, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/34jpvSe>. Acesso em: 23 maio 2019.

PRADO, A. Marco *et al.* Envelhecimento e memória: foco na doença de Alzheimer. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 42-49, set./nov. 2007. Disponível em: <http://bit.ly/2YMu2vb>. Acesso em: 14 mar. 2019.

RISSE, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. cap. 13, p. 427-496.

SERENIKI, Adriana; VITAL, Maria Aparecida Barbato Frazão. A doença de Alzheimer: aspectos fisiopatológicos e farmacológicos. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2PijZe9>. Acesso em: 19 mar. 2019. Não paginado.

SERINO, J. *et al.* Atrofia Cortical Posterior: uma possível causa para as queixas visuais. **Revista da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia**, Matosinhos, v. 38, p. 219-222, jun./set. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/355iQfk>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SOUZA, Leonardo Cruz de; TEIXEIRA, Antonio Lucio. Neuropsicologia das demências. *In*: FUENTES, D. *et al.* (org.). **Neuropsicologia**: teoria e prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. cap. 26, p. 321-331. *E-book*. Disponível em: <http://bit.ly/34h7P9D>. Acesso em: 14 out. 2019.

TEIXEIRA, Jane Blanco *et al.* Doença de Alzheimer: estudo da mortalidade no Brasil, 2000-2009. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 1-12, abr. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2YUrKKE>. Acesso em: 08 nov. 2018.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado culto falado no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. cap. 14, p. 497-528.

WANG, X. D. *et al.* A pilot study on clinical and neuroimaging characteristics of Chinese Posterior Cortical Atrophy: comparison with typical Alzheimer's Disease. **Plos One**, [s. l.], v. 10, n. 8, 12 ago. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2LD7yr7>. Acesso em: 10 maio 2019.

XIMENES, Maria Amélia. Doença de Alzheimer: o cuidado no diagnóstico. **Revista Portal de Divulgação**, São Paulo, n. 41, ano 4, p. 52-56, jun./ago. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2sRNY3M>. Acesso em: 14 mar. 2019.

XIMENES, Maria Amélia; RICO, Bianca Lourdes Duarte; PEDREIRA, Raíza Quaresma. Doença de Alzheimer: a dependência e o cuidado. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 121-140, jun. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2LTCROm>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ANEXO A - NOTAÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Pausa prolongada (medida em segundos)	(4.2)
Sobreposição de vozes	[apontando o local onde ocorre a superposição]
Citações literais, ou leituras de textos	“ ”
Risos	@@@
Tom mais baixo	°tom mais baixo°
Entonação enfática	MAIÚSCULA
Truncamento brusco	/
Silabação	- - -
Informação omitida por sigilo	XXX
Comentários do analista e designações gestuais	((minúscula))
Itálico	<i>palavras de língua estrangeira</i>
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição dos mesmos	<i>*início e fim do gesto*</i>

Fonte: Marcuschi (1998) e Mira (2012, 2016).

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: **“O tópico discursivo e o contexto interativo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer”**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de um estudo sobre a conversação no convívio com a Doença de Alzheimer. O estudo está sendo conduzido pelo Prof. Dr. Caio Mira do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Nesta pesquisa, meu interesse é analisar situações de conversação envolvendo uma pessoa acometida pela Doença de Alzheimer e os depoimentos de seus familiares e cuidadores.

A participação no projeto requer gravações de imagens. Os riscos existem, são mínimos, à sua participação nesta pesquisa. Sua participação, no entanto, irá contribuir para o conhecimento relacionado ao uso da linguagem por pessoas portadores de Alzheimer e também para a compreensão de experiência de familiares e cuidadores com essa realidade.

As informações que obtivermos serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real será substituído por outro em qualquer apresentação ou publicação baseada nesse estudo. Nas gravações, as imagens dos rostos dos participantes serão desfocadas para assegurar seu anonimato e, principalmente, a confidencialidade dos dados. Como haverá gravações em áudio e vídeo, você tem todo o direito de revisar as transcrições e excluir parcial ou totalmente a gravação, se assim o desejar. Ao concordar em participar do estudo, você autorizará o uso de sua imagem para fins acadêmicos. Sua participação no estudo é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar ou pode se retirar, a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Se você decidir participar, por favor, assine este documento, por meio do qual você concorda com as gravações em áudio e vídeo, assegura o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas no decorrer do estudo, além das demais garantias decorrentes desta participação já mencionadas.

Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável. Agradeço por sua colaboração e interesse no projeto.

Atenciosamente,

.....

Prof. Dr. Caio Mira
Pesquisador Responsável

Nome da Participante: _____

Assinatura: _____